



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS COCAL
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

FRANCISCO GILVAN DE AZEVEDO

JUVENTUDES RURAIS E AGROECOLOGIA: ENTRE O FICAR E O SAIR

COCAL-PI
2020

FRANCISCO GILVAN DE AZEVEDO

JUVENTUDES RURAIS E AGROECOLOGIA: ENTRE O FICAR E O SAIR

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia)
apresentado como exigência parcial para obtenção
do diploma do Curso Superior de Tecnologia em
Agroecologia do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Piauí. Campus Cocal.

Orientador: Prof. Dr. Josemi Medeiros da Cunha.

COCAL

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Azevedo, Francisco Gilvan de

A994j Juventudes rurais e agroecologia : entre o ficar e o sair / Francisco Gilvan de Azevedo. - 2020.
57 p.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Agroecologia) - Instituto Federal do Piauí, Campus Cocal, 2020.

Orientador : Prof. Dr. Josemi Medeiros da Cunha.

1. Juventude. 2. Agroecologia. 3. Sucessão rural. I. Título.

CDD - 630

Elaborado por Cinthia Rachel Alves Rodrigues CRB 3/1348

FRANCISCO GILVAN DE AZEVEDO

JUVENTUDES RURAIS E AGROECOLOGIA: ENTRE O FICAR E O SAIR

Aprovada em: 26/10/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Josemi Medeiros da Cunha (Orientador)
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Prof. Msc. Flavio Luiz Simões Crespo
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Prof. Dr. Jeremias Alves de Araújo e Silva
Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

Dedico a minha mãe Maria das Graças de Azevedo, dona
de todas as minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus que nunca me deixou desistir.

À minha família, pessoas que me acompanham nessa vida e que amo. À minha mãe, Maria das Graças de Azevedo, pelo amor, empenho, dedicação e por acreditar que na minha caminhada. Ao meu pai, Antônio Temoteo Santana de Azevedo, pelo incentivo que me deu e as minhas irmãs e irmãos.

Aos Professores Flávio e Fátima Crespo por ter me apoiado e contribuído diretamente na minha formação profissional e humana. Agradeço pela força infinita que me deram nos últimos quatro anos.

Ao professor, Josemi Medeiros da Cunha, por orientar-me nesta caminhada, pela amizade, paciência, atenção e disponibilidade, onde juntos através de muitas parcerias nos desafiamos a construir novas reflexões no campo sobre as Juventudes Rurais no município de Cocal-PI. Certamente sem ele a conclusão desse trabalho não seria possível. E as professoras Joelma Araújo, Antônia Francisca Lima, Elenice Monte Alvarenga, Mirya Grazielle e aos professores Jean Herllington, Joseph Jonathan, Sandro Alexandre, Luiz Gonzaga, Rogério Almeida, Ronaldo Oliveira, Nailton Castro, Raul Matos, Otanael Santos e Hernandes Feitosa por compartilharem seus conhecimentos, apontar caminhos e semear questionamentos mostrando saberes e o quanto ainda me falta aprender.

Aos companheiros e companheiras João Luis Ferreira e Silva, Francisco Teles de Andrade (In Memória) e Daliria Kelly de Araújo Miranda do grupo de pesquisa “Juventudes Camponesas: Possibilidades e Desafios no Município de Cocal-PI”, pelos momentos de vividos, troca de saberes, debates e confraternizações. Em especial, Lusirene Coutinho e Tarsia Massari, minhas amigas e colegas de turma que sempre que nossa equipe precisava de suas contribuições elas estavam dispostas a ajudar, sempre atenciosas e solidárias.

Aos Jovens da comunidade e do assentamento Frecheira de São Pedro por nos receberam em suas casas juntamente com suas famílias e acreditaram em nosso trabalho.

Aos amigos e amigas que moramos juntos todos estes anos na Cidade de Cocal-PI. Agradeço as valiosas contribuições, tudo que passamos juntos e juntas com certeza soma da nossa vida e espero que continuem sempre na luta.

Aos amigos Vander Reis e João Josias (in memória) pela acolhida, conversas e risadas juntos.

Agradeço também as agricultoras e aos Agricultores sócios do Sindicato dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares de Ipueiras, os companheiros diretores que foram compreensivos em todos os momentos que passei ausente dos trabalhos. Aos companheiros e companheiras da Pastoral da Juventude Rural, pelos aprendizados juntos, pelo companheirismo e consideração. Ao companheiro Gilvan Gomes pela disponibilidade de revisar o texto final.

E aos educandos e educandas da graduação em Agroecologia, por compartilharem comigo suas experiências de vida que com certeza fortaleceram os nossos laços.

EPÍGRAFE

*“No sertão a vida é dura
mas é cheia de beleza
é fértil na agricultura
e de tudo tem na mesa
aqui é o berço da cultura
e no pote a água pura
tem sabor de natureza”.*
(Guibson Medeiros)

RESUMO GERAL

A juventude rural durante décadas passou por um processo de evasão, saindo do campo em busca de outras perspectivas de vida fora do meio rural. Em meio a este fator, surge uma infinidade de estudos e debates a fim de compreender estes sujeitos e quais as ações seriam necessárias para uma efetiva sucessão rural que proporcionasse transformações sobre o campo, possibilitando aos jovens rurais um espaço de direito. O presente estudo de caso teve por objetivo compreender e descrever as relações dos sujeitos inseridos nos núcleos familiares da comunidade Frecheira de São Pedro, Cocal-PI, analisando os fatores que interferem e influenciam na decisão de ficar ou sair do território, tendo um olhar sobre o acesso a educação, política, lazer e cultura, trabalho e renda. A pesquisa se deu em quatro momentos sendo, pesquisa exploratória para obter informações sobre os sujeitos; estudo bibliográfico observando às pesquisas existentes ligadas a temática trabalhada e a elaboração de um questionário semi estruturado e o grupo focal. A partir de uma abordagem qualitativa, esta pesquisa procurou conversar com 23 atores sociais, sendo 10 jovens através de um questionário semi estruturado e 13 jovens em um grupo focal, que estão inseridos em núcleos de agricultores familiares. Assim, a partir da realidade identificada procurou-se verificar através de um olhar agroecológico quais os fatores que a partir a sustentabilidade podem alavancar o protagonismo nos processos de aprendizagem, produção e efetivação de direitos para os jovens rurais a fim de consolidar a sucessão com participação política e social.

Palavras-chave: Juventude, Agroecologia, Sucessão Rural

GENERAL ABSTRACT

Rural youth for decades went through an evasion process, leaving the countryside in search of other life perspectives outside the rural environment. In the midst of this factor, there is a plethora of studies and debates in order to understand these subjects and what actions would be necessary for an effective rural succession that would provide transformations on the field, allowing rural youths a space of law. The present case study aimed to understand and describe the relationships of the subjects inserted in the family nuclei of the Frecheira de São Pedro community, Cocal-PI, analyzing the factors that interfere and influence the decision to stay or leave the territory, taking a look at access to education, politics, labor and culture, work and income. The research took place in four moments, being exploratory research to obtain information about the subjects; bibliographic study observing the existing researches linked to the worked theme and the elaboration of a semi structured questionnaire and the focus group. From a qualitative approach, this research sought to converse with 23 social actors, 10 of them through a semi-structured questionnaire and 13 of them in a focus group, which are inserted in nuclei of family farmers. Thus, based on the identified reality, it was sought to verify through an agroecological look which factors from sustainability can leverage the protagonism in the processes of learning, production and realization of rights for rural young people in order to consolidate the succession with participation political and social.

Key words: Youth, Agroecology, Rural Succession

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Antiga Estação Ferroviária de Frecheira de São Pedro, Cocal-PI. Fonte: Autor, 2019.....	18
Figura 02: Vice-governadora e autoridades na inauguração do Assentamento Frecheira de São Pedro, Cocal-PI. Fonte: Autor, 2019.....	18
Figura 03: Capela de São Francisco de Frecheira de São Pedro, Cocal-PI. Fonte: Autor, 2019	19
Figura 04: Roda de conversa do grupo focal. Jovens (branco) x Pesquisador (preto) x Olheiros (cinza). Elaborado por: Autor, 2020.....	20
Figura 05: Área de cultivo em Frecheira de São Pedro, Cocal-PI. Fonte: Autor, 2019.....	31
Figura 06: Colégio de Olho D'água, Cocal-PI. Fonte: Autor, 2020.....	37
Figura 07: Rio Pirangi em Frecheira de São Pedro, Cocal-PI. Fonte: Autora, 2020.....	39
Figura 08: Motivos de ficar ou sair citados pelos jovens. Elaborado por: Autor, 2020.....	43
Figura 09: Posto de Saúde da Localidade Olho D'água, Cocal-PI. Fonte: Autora, 2020.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Caracterização das falas sobre as questões do mundo de trabalho e renda. Fonte: Autor, 2020.....	30
Quadro 02. Caracterização das falas sobre a vida no campo e identidades. Fonte: Autor, 2020.....	34
Quadro 03. Caracterização das falas sobre a cultura e educação. Fonte: Autor, 2020.....	37
Quadro 04. Caracterização das falas sobre a vida Política. Fonte: Autor, 2020.....	40
Quadro 05. Concepção dos jovens sobre Trabalho. Fonte: Autor, 2020.....	43
Quadro 06. Concepção dos jovens sobre ficar ou sair do campo e o por que da decisão. Fonte: Autor, 2020.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEAA	Centro de Educação Ambiental e Assessoria
EFA	Escola Família Agrícola
FETAG	Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Piauí
IFPI	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí
MSTTR	Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
PJR	Pastoral da Juventude Rural
Pronaf	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura
SISU	Sistema de Seleção Unificada
STRAAF	Sindicato dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
1.1.	A Pesquisa e o Pesquisador.....	14
2.	MATERIAIS E MÉTODOS.....	17
2.1	Caracterização da Área de Estudo.....	17
2.2.	Procedimentos Metodológicos	18
3.	REVISÃO DE LITERATURA.....	23
3.1.	A agroecologia como projeto de sociedade e permanência das Juventudes no Campo	23
4.	RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
4.1.	Os desafios da sucessão em uma comunidade rural.....	26
4.2.	A realidade da juventudes rurais da comunidade de Frecheira de São Pedro.....	30
4.2.1.	<i>As questões do mundo do trabalho e renda</i>	31
4.2.2.	<i>A vida no campo e identidades.....</i>	36
4.2.3.	<i>A Educação e a Cultura.....</i>	38
4.2.4.	<i>A vida política</i>	41
4.3.	A realidade dos jovens segundo suas falas em um grupo focal.....	44
4.4.	Refletindo sobre o papel da agroecologia na vida dos jovens e na comunidade Frecheira de São Pedro	47
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6.	REFERÊNCIAS	52

1. INTRODUÇÃO

1.1. A Pesquisa e o Pesquisador

Como sujeitos que sofrem interferências do meio socioeconômico e cultural, desde muito cedo somos direcionados a criar projeções do que queremos para o nosso futuro. A partir disso, somos motivados ou não a modificar a realidade em que estamos inseridos, ou simplesmente a ignoramos e fugirmos dela.

Entendo que o pesquisador está ao mesmo tempo imerso na sua própria existência cotidiana e no mundo acadêmico, Pereira (2000) nos ajuda a compreender que para compreender o papel e o lugar dos pesquisadores é preciso não “esquecer as relações que estes estabelecem com seu próprio passado, sua origem familiar e social”. Por este motivo, minhas experiências de vida estão ligadas diretamente com a escolha do tema juventude camponesas.

A ciência como ferramenta de inclusão e redução das desigualdades sociais não pode ser considerada uma esfera neutra em nossa sociedade (WEBER, 2005). Quando decidimos que ciência iremos construir e para qual grupo social seus resultados serão direcionados, estamos construindo um conjunto de ações que poderão contribuir ou não para o desenvolvimento sustentável da sociedade. Quanto tratamos do Campo a importância dessa decisão aumenta, pois se sabe que existe historicamente “um certo desprezo” e desvalorização de temas que está relacionado a Ele (ao Campo), inclusive com as profissões que atuam nesse espaço (MARTINS, 2013).

Nasci em uma localidade rural no interior do estado do Ceará, na qual eu e meus 03 irmãos mais velhos, juntamente com meus pais – ambos agricultores e meu pai sendo o vaqueiro responsável da fazenda, localizada a 10 km da sede do município. Ali foi onde passei toda minha infância.

Na localidade não tinha energia elétrica, tinham apenas uma televisão a bateria (a mesma usada em carro) que permitia a nós assistir algumas coisas durante o dia e a novela a noite. Para ir à escola o percurso era feito a pé cerca de 6 km, posteriormente de bicicleta e por último de D20 (pau de arara precário).

Neste meio desde o meu nascimento até a conclusão do ensino médio convencional da rede pública, a principal atividade desenvolvida pela família além de cuidar dos animais sempre foi à agricultura de subsistência, de derrubada da

vegetação nativa no período seco, preparo para queimar e posteriormente plantar principalmente milho e feijão, onde desde muito cedo fui inserido no processo produtivo da família.

Ali na fazenda passamos 15 anos, mas vale lembrar que meus pais já moravam na propriedade antes mesmo do meu nascimento. Após a família como parte dos sertanejos que não tinha acesso terra própria mudou-se para outra fazenda, mas desta vez só para ser “morador” e em seguida torna a mudar-se para a comunidade vizinha, onde depois de anos foi realizado o sonho da família de ter a casa própria que neste meio tempo foi adquirida.

Motivado pela curiosidade e por algumas frustrações pessoais aos meus 18 anos tive uma experiência de êxodo rural, viajei para o sudeste do país por curiosidade e lá percebi que aquilo tudo não fazia parte do meu mundo. Foi um momento de estranhamento. Com menos de um ano retornei para meu território de origem, considerando que a experiência de morar em outro estado contribuiu na minha formação humana. A partir de então passei a elaborar um projeto de vida na minha realidade concreta que era o Campo.

Posteriormente, tive duas grandes experiências que fortaleceram minha identidade de jovem rural, a primeira foi de estudar no regime da pedagogia da alternância em uma Escola Família Agrícola (EFA), onde o convívio com educandos de outras realidades e professores possibilitou um novo olhar sobre a minha realidade, a convivência o bioma caatinga, saber que existe outras formas de fazer agricultura no semiárido e continuar alimentando o sonho de ingressar no ensino superior. A segunda consistiu da minha participação na Pastoral da Juventude Rural (PJR), que corresponde a uma ação da Igreja Católica que realiza um trabalho de fortalecimento da identidade da juventude camponesa, na perspectiva dos mesmos visualizarem os potenciais produtivos de suas comunidades, trabalhar sem precisar sair de seus territórios.

Entendendo que grupos de jovens são espaços de fortalecimento das convivências das juventudes, a PJR me proporcionou acompanhar várias experiências de jovens do Estado, em especial da Diocese de Crateús-CE, como um grupo de mulheres que através do trabalho com horticultura, conseguiram aumentar a renda e ao mesmo tempo conseguir o respeito de todo o assentamento.

Em 2017, ao ser aprovado via SISU para estudar no Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia no Campus Cocal/PI, tive que mudar de cidade e

Estado momentaneamente, mas mesmo com o ingresso no ensino superior continuei acompanhando algumas experiências e iniciativas das juventudes tanto na minha região de origem quanto na cidade onde passara a residir. No curso percebi o quanto a agroecologia pode ajudar os jovens no processo de fortalecimento da identidade e autorreconhecimento como sujeitos de transformação. Já que esta ciência dialoga diretamente com as relações dos sujeitos na família e da família com o ambiente em que estão inseridos, sendo multitrans e interdisciplinar.

Sabendo que a juventude é plural e diversa, inclusive quando se fala das novas configurações do novo rural brasileiro é perceptível que mesmo com a evolução de algumas relações sociais, no meio rural persiste alguns desafios, como a figura paterna, sendo o chefe e senhor da família e o jovem é considerado “ajudante” nos afazeres da casa e roça.

Outro aspecto relevante que vale destacar são os impactos do capitalismo no campo, a partir das grandes concentrações de terras, negação dos povos originários e suas histórias, substituição da mão de obra humana por grandes maquinários agrícolas, o cultivo de grandes monoculturas, etc. E assim, sem terra e trabalho no rural é provocada a expulsão dos sujeitos para outros locais em busca do que eles chamam de uma “vida melhor” às vezes reforçada pelo modelo de educação rural ofertado pela rede de ensino que desqualifica o campo e valoriza a cidade. Isso pode ser observado, quando o educador usa os termos “a caneta é mais leve que uma enxada” ou a famosa frase “estuda menino se não teu futuro é na enxada” reforçando os estereótipos que o campo não é lugar de vida. E também as formas de transferência das propriedades rurais que não garantem a sucessão rural, pois faltam políticas públicas que ampliem o acesso com estradas, para a produção, a comercialização, etc.

Nas atividades realizadas na PJR, na EFA e em outras experiências junto as juventudes rurais, percebemos que tais realidades influenciam diretamente na vida desse segmento da sociedade. Vimos na prática que as juventudes enfrentam desafios significativos quanto a decisão de “ficar” ou “sair” de suas comunidades.

Muitas foram os relatos de histórias de jovens que desistiram de permanecer no Campo. Outras de jovens que apesar de vivenciarem experiências de contradições sociais, passam a fazer escolhas em permanecer no meio rural a partir da autoavaliação sobre o contexto social em que estão inseridos e o seu modo de vida de ser camponês, com todas as negações para com eles (BARASUOL, 2016).

A tomada de decisão de ficar ou sair no Campo parece ser feita a partir de vários fatores e acontecimentos da vida de cada jovem.

Diante dessas vivências e realidades observadas fui me interessando em compreender os desafios vivenciados pelos jovens, principalmente os relacionados às condições de permanência ou não no Campo, e os conflitos nas tomadas de decisão. Essas realidades pareciam dialogar diretamente com minha trajetória de vida.

Por este motivo fui motivado a pesquisar como se dar as interações das juventudes camponesas com seus territórios e territorialidades, tentando observar quais são os aspectos da realidade vivida por cada sujeito e quais suas visões sobre a própria comunidade no que diz respeito o ficar ou sair do campo.

A presente pesquisa consiste em um estudo de caso que buscou compreender os processos de sucessão rural existentes na comunidade Frecheira de São Pedro. Entendendo que as relações entre os desafios da comunidade, a pesquisa foi construída na perspectiva das juventudes em relação as suas permanências ou histórias de vida no campo. É importante destacar que foi observado além da realidade do jovem, o grupo social em que esses indivíduos estão inseridos através de roda de conversa, questionários semiestruturados e visitas, que direcionaram a obtenção dos dados e construção do trabalho.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 Caracterização da Área de Estudo

A comunidade Frecheira de São Pedro está situada a 18 km da cidade de Cocal-PI, tendo acesso pela PI-301 que liga o município de Cocal ao distrito de Brejinho-Luis Correia/PI, na altura da comunidade Frecheira de Lama entra-se na PI-103 que dá acesso ao município de Bom Princípio do Piauí. A comunidade é composta por 46 famílias que residem na localidade e assentamento. A economia das famílias gira em torno da agricultura (plantio de roça de sequeiro) e pecuária (criação de pequenos e médios animais). A religião predominante é a Católica Apostólica Roma, havendo também outras denominações cristãs.

2.2. Procedimentos Metodológicos

Compreendendo que a metodologia são todos os procedimentos de estudo orientam as práticas do pesquisador no caminho, onde na mesma pode-se utilizar de diversas estratégias para compreender a realidade de maneira comprometida com as populações locais. A modalidade de abordagem para obtenção das informações foi o Estudo de caso que para Gil (2002, p. 54) “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”. Este método consistiu na observação e sistematização de uma realidade específica, através de entrevistas com os sujeitos, analisando suas falas de maneira qualitativa buscando assim uma maior compreensão da realidade concreta.

Neste sentido, a pesquisa foi direcionada e subdividida em alguns momentos importantes, como uma pesquisa exploratória com as lideranças, movimentos e organizações da comunidade e município para obter informações sobre os sujeitos; estudo bibliográfico observando às pesquisas existentes ligadas a temática trabalhada e a elaboração de um questionário que a posteriori foi aplicado para obtenção de informações; seguidamente foi construída a proposta do grupo focal, onde os sujeitos dialogaram entre si e com o pesquisador, neste momento houve uma maior observação das realidades, finalizando o percurso foi sistematizado os dados e construído o presente texto conforme detalhamos abaixo.

Na pesquisa exploratória para chegar ao objetivo proposto e para estabelecer contato com os jovens da comunidade, iniciou-se uma maior aproximação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (STRAAF) de Cocal, sendo levando a ideia principal do projeto. Em seguida começou-se a tecer contatos com os jovens da comunidade que já estudavam no IFPI *campus* Cocal, no ensino médio integrado e nas graduações ofertadas pelo instituto.

Nas visitas as lideranças da comunidade e assentamento observamos que residem 46 famílias. Na ocasião buscou-se uma aproximação dos idosos que relataram principalmente como eram suas vidas antes e como está sendo depois do rompimento da Barragem Algodões que aconteceu no dia 27 de maio de 2009. Na ocasião tivemos acesso aos conhecimentos agrafo da comunidade, ou seja,

aqueles saberes da história que são passados de pai para filho que não foram escritos.

Existe a concentração de terra, motivo este que motivou em 2014 a fundação de uma associação para a compra de uma área que hoje é um assentamento com 20 famílias assentadas. Como estruturas na localidade tem um colégio desativado, uma igreja católica que tem como padroeiro São Francisco, casa de farinha, quadra poliesportiva, a antiga estação ferroviária que está em ruínas necessitando de uma restauração já que é um marco da comunidade (figura 01).



Figura 01: Antiga Estação Ferroviária de Frecheira de São Pedro, Cocal-PI. Fonte: Autor, 2019.

Paralelo a todo percurso procurando uma maior aproximação da realidade, foram feitas várias visitas buscando um maior envolvimento com os momentos na comunidade, desde participação dos encontros de jovens realizados na capela de São Francisco, missas e momentos celebrativos, gincanas dos grupos de jovens da região, reuniões do Sindicato dos trabalhadores rurais de Cocal, através da secretaria de juventude rural.

Um dos momentos que merece um maior destaque foi à entrega da área de assentamento as 20 famílias assentadas. Na ocasião estavam presentes varias autoridades do município de Cocal, da Planície Litorânea, o Centro de Educação Ambiental e Assessoria (CEAA), a deputada e então presidente da FETAG Piauí, a Sra. Elizangela Moura, a vice-governadora do estado, Regina Sousa. Foi um momento único, era visível a alegria das famílias beneficiadas pelo Programa Crédito Fundiário.



Figura 02: Vice-governadora e autoridades na inauguração do Assentamento Frecheira de São Pedro, Cocal-PI. Fonte: Autor, 2019.

Posteriormente foi realizado o estudo bibliográfico, sendo observados os materiais já disponíveis por meio de sites, livros, revistas, jornais, etc., produzido pelos estudiosos e com uma interface da pesquisa exploratória foi elaborado os instrumentos de pesquisa. O questionário semi estruturado foi norteado por eixos levando em consideração os pontos: Vida no campo e identidades; Cultura e educação; Trabalho e Renda; e, Política. Já o grupo focal levou em consideração a visão de mundo sobre as vivências diárias e os desafios, o significado do trabalho, dentre outros pontos conforme encontra-se em anexo.

Outro ponto importante foi a demarcação da idade dos sujeitos a serem trabalhados, sendo jovens com idade entre 15 aos 29 anos de acordo com o Estatuto da Juventude criado por meio da lei 12.852/2013 (BRASIL, 2013) que estavam inseridos nos núcleos familiares da comunidade e do assentamento Frecheira de São Pedro.

No terceiro momento da pesquisa foi feita a visita de aplicação de questionários (ver em anexo os questionários) com 10 jovens que representam famílias distintas na comunidade. O percurso de aplicação se deu com visitas domiciliares, onde o pesquisador ao chegar à residência do sujeito se identificava, fazia uma breve explanação sobre a pesquisa e perguntava se o jovem tinha interesse de participar respondendo as perguntas. Foi realizado no momento seguinte o grupo focal que contou com 13 jovens da comunidade utilizando como espaço a capela de São Francisco (figura 03), na própria comunidade.



Figura 3: Capela de São Francisco de Frecheira de São Pedro, Cocal-PI. Fonte: Autor, 2019.

Os métodos adotados trazem respostas claras para a compreensão, principalmente o grupo focal, como ilustrado por Bourdieu (2006, p. 6) “os sentimentos não são temas sobre os quais o camponês fica à vontade para falar”. A aplicação consistiu na aplicação de perguntas chaves direcionando o diálogo com os jovens sobre os desafios, perspectivas, etc. O mesmo foi realizado com a presença dos jovens, o pesquisador e duas pessoas (observadores) que contribuiu diretamente com a sistematização das informações.

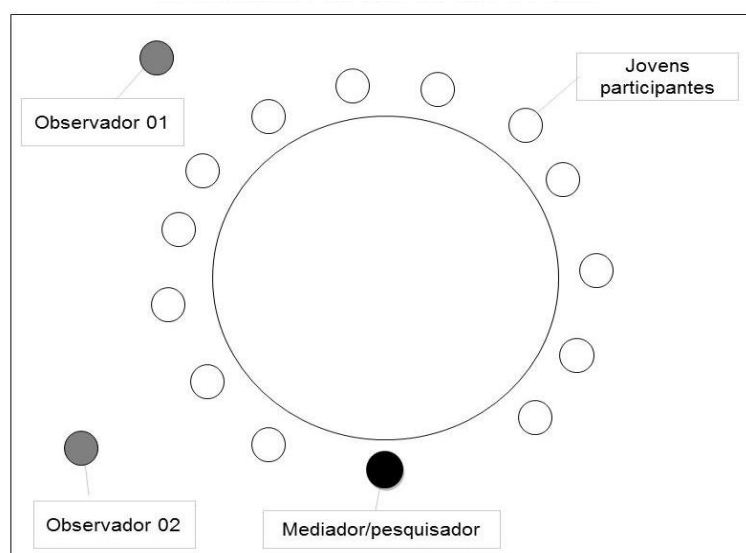


Figura 04: Roda de conversa do grupo focal. Jovens (branco) x Pesquisador (preto) x Olheiros (cinza). Elaborado por: Autor, 2020.

A proposta do grupo Focal conforme Gaskell ¹(2015) surgiu como uma metodologia complementar que de forma direta contribuiu para esclarecer alguns pontos que ficaram ocultos durante a aplicação dos questionários para o primeiro grupo pesquisado durante a aplicação dos questionários.

No quarto momento foi realizada a sistematização das informações obtidas em um banco de dados sobre a comunidade e a análise teórica da pesquisa, levando em consideração o percurso metodológico adotado. A fim de construir saberes e conhecimentos comprometidos com a realidade local e responder as demandas dos sujeitos, a presente pesquisa se apresenta como um mosaico de registros que podem possibilitar a visualização dos dilemas e utopias das juventudes no que se refere à sucessão rural, podendo ser utilizada para engrossar as discussões do tema dentro da comunidade e município.

Em relação a análise dos dados as informações obtidas nos questionários semi estruturados foram sistematizadas em quatro eixos, onde identificamos as dimensões com as perguntas e respostas mais representativas. Em cada eixo foram sistematizados alguns dados que acredita-se que sejam significativos na vida dos jovens em seu dia-a-dia, onde a partir das falas dos entrevistados que trazem a denúncia de algum conflito ou contradição vivenciados pela comunidade local e que expressa uma determinada concepção, uma representação do real. O grupo focal por sua vez foi sistematizado em um eixo que traz a visão dos jovens participantes a vivência diária na comunidade e seus desafios.

Apesar de identificar a comunidade em nossa pesquisa, por meio da caracterização da sua história e dos seus aspectos naturais e produtivos, todos os entrevistados tiveram suas identidades mantidas no anonimato, assegurados pela ética do pesquisador e pelas leis vigentes. Durante o processo de escrita utilizamos uma ordem de numeração que na pesquisa semiestruturado vai de 01 a 10 participantes e no grupo focal de 01 a 13 jovens participantes, como já citados levando em consideração os critérios éticos da pesquisa de acordo com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/IFPI) regulamentado pela Resolução (466/12).

¹ Grupo focal segundo Gaskell (2015, p. 75) - [...] estimular os participantes a falar e reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem. É uma interação social mais autêntica do que a entrevista em profundidade, um exemplo da unidade social mínima em operação e, como tal, os sentidos ou representações que emergem são mais influenciados pela natureza social da interação do grupo em vez de se fundamentarem na perspectiva individual, como no caso da entrevista em profundidade.

O percurso trilhado na pesquisa nos ajudou a compreender de maneira crítica e reflexiva no que diz respeito ao processo de sucessão rural das juventudes camponesas da comunidade Frecheira de São Pedro, analisando o contexto histórico dos sujeitos pesquisados, condições de vida, a participação no cotidiano da comunidade e nas tomadas de decisões das famílias.

Seguindo esta ideia, o foco no estudo de caso foi compreender a dinâmica social que envolvem os sujeitos pesquisados, suas histórias e perspectivas no que diz respeito ao ficar e sair do território, entendendo a territorialidade como todas os fatores que abrangem a vida dos jovens. Outro ponto importante é que durante o percurso metodológico buscou-se formas lúdicas de coletar dados sempre tendo cuidado para não fugir da realidade dos sujeitos indo ao encontro do exposto de Bauer, Gaskell e Allum (2015, p.15) “apoia-se em dados sociais – dados sobre o mundo social– que são o resultado, e são construídos nos processos de comunicação”.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. A agroecologia como projeto de sociedade e permanência das Juventudes no Campo

A agroecologia como um novo modelo de desenvolvimento rural sustentável baseado na solidariedade e nas relações do homem com todos os seres que formam os agroecossistemas traz consigo responsabilidades perante as discussões sobre o que as sociedades precisam para viver em equilíbrio. Outro ponto importante é que esta ciência é um acúmulo de métodos e conhecimentos construídos no acadêmico somado aos das comunidades tradicionais contribuindo para que os sujeitos tenham uma visão holística e sistêmica de maneira integrada.

Compreendendo que a agroecologia segundo Caporal (2006):

[...] ao contrário das formas compartimentadas de ver e estudar a realidade, ou dos modos isolacionistas das ciências convencionais, baseadas no paradigma cartesiano [...] integra e articula conhecimentos de diferentes ciências, assim como o saber popular, permitindo tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura industrial, como o desenho de novas estratégias para o desenvolvimento

rural e de estilos de agriculturas sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar e holística. (CAPORAL, 2006 p. 05)

Por tanto nesta ciência existe uma construção de valores por meio da valorização da vida, dos métodos de produção de alimentos saudáveis, o resgate histórico promovido pela valorização da identidade cultural, da preservação e de tantos outros pontos que trazem consigo uma possibilidade de afirmação e reconhecimento dos saberes empíricos. Compreende-se a agroecologia proporciona uma nova forma de fazer agricultura, sendo multi e transdisciplinar que conecta várias áreas dos conhecimentos científicos aos conhecimentos empíricos.

Nas comunidades tradicionais que vem sendo impactado pelo avanço da concentração da terra, uso de veneno em pequena, média e grande escala até mesmo na agricultura familiar, expulsão dos sujeitos de seus territórios que impossibilita o diálogo entre sujeitos e gerações. Muitas das vezes os saberes se perdem e as transformações da realidade do campo não acontecem positivamente, no que tange a produção, organização, educação, participação social e fortalecimento do rural. Nessa perspectiva a Agroecologia surge com a ideia de valorização vai de encontro à ideia Morin (1998, p.290) que é “uma transformação no modo de pensar, do mundo do pensamento e do mundo pensado”.

Neste contexto, as juventudes estão inseridas em uma conjuntura agrária que traz consigo grandes desafios, como o de acesso a emprego e renda que é necessário de ser problematizado dentro de seus grupos sociais. Por isso, precisamos pensar a relação entre as condições de acesso a trabalho e renda no mundo rural, para isso tomamos como perspectiva de análise agroecológica, além de ter clareza “que não podemos compreendê-los a partir de uma visão unívoca ou geracional, mas como uma construção social” (BOURDIEU, 1983). Pode-se dizer que nas comunidades rurais têm juventudes constituídas por diferentes condições econômicas, acesso a bens culturais, que interferem diretamente no trabalho e nos projetos de vida durante o processo de sucessório e transferência das propriedades rurais.

Para tratarmos sobre o papel da agroecologia durante a sucessão precisamos ter clareza do que se trata esta ciência, por isso segundo Caporal et AL (2006):

se apresenta como uma matriz disciplinar integradora, totalizante, holística, capaz de apreender e aplicar conhecimentos gerados em diferentes disciplinas científicas, [...] de maneira que passou a ser o principal enfoque

científico da nossa época, quando o objetivo é a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura insustentáveis para estilos de desenvolvimento rural e de agricultura sustentáveis. (CAPORAL et AL, 2006. p 3.)

Entendemos que os sujeitos passam por uma construção social da identidade a partir das experiências de vida, a partir das condições econômicas, valores morais e de tudo que está em volta. A agroecologia pode contribuir no fortalecimento da identidade e na compreensão dos sujeitos. E assim, com a identificação dos mesmos com o meio inicia-se o processo também de mudanças na produção, com a transição agroecológica, a luta por educação do campo, acesso com estradas de qualidade, melhorias no atendimento na saúde pública e de qualidade, etc.

Nesse mesmo caminho de compreensão, trazemos uma das definições da agroecologia e modo de vida segundo a Comissão Pastoral da Terra (2014):

[...] uma ciência, uma prática de vida, de relação com o meio ambiente e de produção de alimentos. Articula novas e apropriadas tecnologias com a sabedoria do povo da terra. Um de seus princípios é estabelecer uma harmonia entre homem, mulher e a natureza, para preservar os recursos naturais, oferecer alimentos saudáveis e de forma sustentável. Valoriza culturas, tradições e territórios. A Agroecologia “condena” o agronegócio por ser um modelo atrasado, destruidor da terra, ao meio ambiente, e prejudicial à sociedade. Um modelo sem futuro. (CPT, 2014. p.24)

Por isso a agroecologia se apresenta como uma ciência que pode levar em consideração que os jovens rurais fazem parte de diferentes “seguimentos” de juventudes, no que se refere aos contextos, às culturas, às condições de classe, de gêneros etc. Vai de encontro às discussões da sucessão, pois ela dialoga diretamente com a geração de trabalho e renda de maneira autônoma, entendendo que esta ciência é segundo Castro et al (2017, p.298) “não somente como outra forma de plantio – ou seja, uma produção sem veneno e em pequena escala –, mas também como uma nova tecnologia, que perpassa o modo de produção, e outra maneira de viver o mundo rural”.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Os desafios da sucessão em uma comunidade rural

A partir de experiências vivenciadas no campo, na condição de jovem rural participante de movimentos religiosos e políticos, foi possível observar vários desafios que as famílias agrícolas enfrentam em seus cotidianos.

Em encontros realizados pelo Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) do Estado do Ceará (Ipueiras) e do Estado do Piauí (Cocal) e pela PJR, em que priorizava o diálogo com os sujeitos locais e a construção de análises de conjuntura que pudessem servir para discutir os problemas das comunidades e por conseguinte traçar estratégias de enfrentamento, observamos que alguns desafios pareciam acontecer de maneira mais frequente nessas realidades. Em destaque as questões relativas à sucessão rural e ao trabalho das populações jovens no Campo.

Paralelamente nos últimos anos tem-se intensificado, sejam no meio acadêmico ou no campo através dos Movimentos Sociais, os debates sobre sucessão rural que visam garantir que os sujeitos permaneçam no campo com políticas públicas que garantam a produção de alimentos saudáveis. Para Da Silva (2017) “admite-se, assim, duas formas de sucessão: inter-vivos e causa-mortis, respectivamente”. Ou seja, pelo ato de compra e venda dos estabelecimentos rurais, ou pela passagem de uma geração para outra.

O conceito de sucessão está ligado ao rito de transferência de poder na gestão da empresa e propriedades, em que o herdeiro em muitas vezes é um membro da família ou alguém sem grau de parentesco (VILLARRINHO, 2007. p. 20). A permanência destes sujeitos segundo Nascimento et al. (2016) está relacionado a:

constituição de família e, sobre tudo, com a transformação das condições de vida nos territórios onde vivem. [...] produção agroecológica e alcançar resultados concretos quando à efetivação de políticas públicas de educação, trabalho e renda, moradia e acesso à terra. [...] participação política e a possibilidade de escolhas e oportunidades na vida (NASCIMENTO et al., p. 59).

A agroecologia como ciência que direto e indiretamente na vida dos sujeitos provoca transformações dialogando abertamente com a sucessão, onde os sujeitos

através da transição agroecológica são motivados a fazerem não só as mudanças nas formas de produção, saindo do modelo convencional para uma forma sustentável, mas se reorganizar em todas os espaços em que estão inseridos para fazer a transição com o objetivo de chegar ao desenvolvimento sustentável, com acesso a políticas públicas, crédito, dentre outros pontos a partir das linhas da sustentabilidade podendo somar-se ao processo de permanência das juventudes, garantindo vida digna.

Diante das realidades, observa-se um problema que não se limita as fronteiras de um município, estado ou região. Um problema local que, quando analisado de maneira macro, torna-se um problema global. Isso porque, se uma parcela significativa da alimentação que chega às mesas da população brasileira é advinda da agricultura familiar, e estes grupos sociais por algum motivo, externos ou internos têm suas existências ameaçadas, quais grupos irão produzir alimentos? Como se pode ter segurança e soberania alimentar neste contexto? Sabendo que a agricultura familiar garante 70% ou mais da alimentação consumida, sem sucessão rural a fome pode aumentar gradativamente nas próximas décadas.

Ligado a esta discussão sabe-se que existe uma negação dos sujeitos do campo, onde desde o início da propagação da “revolução verde” em meados da primeira metade do século XX. Para Castro et al. (2013) “a tendência do jovem rural a deixar o campo, saindo quase sempre para uma cidade próxima, vem ocorrendo desde 1940” e se intensifica nos últimos anos devido a vários fatores. “Estamos vivendo um tempo de mudanças nas estruturas produtivas, que determinam rupturas ou alterações em diferentes instâncias sociais” (JEOLÁS et al., 2013).

Em um esvaziamento do campo por parte das populações tradicionais, como ficaria esse espaço geográfico? Seria ele apropriado pelos grupos monocultores do agronegócio, que não buscam o equilíbrio dos aspectos produtivos locais? Quais seriam os impactos dessas transformações? É evidente que estes espaços em projeções mais amplas voltariam a serem áreas de latifúndio que hora ficaria improdutivo e hora sendo cultivadas grandes monoculturas que não gera emprego, obrigando os sujeitos que estão nas áreas a evadir para outras regiões a procura de outras atividades para ter emprego e renda. Os impactos são imensuráveis, pois não é só sair da terra, é perder a posse, a cultura, o jeito de produzir, dentre outros pontos.

Em relação aos aspectos culturais, as manifestações locais, o reisado, as farinhadas, as rezadeiras e benzedadeiras, as histórias construídas e repassadas de geração para geração. As maneiras locais de produzir, os etno-conhecimentos, etc. Como ficariam esses elementos tão importantes para a cultura e para a história do País? Sabendo que estes conhecimentos são repassados de pai para filho, sem precisar da escrita para ser sistematizado, estão em perigo, ameaçados, desde as formas de produzir, de armazenar e até mesmo de plantar a semente na terra.

Outra questão não menos importante, diz respeito ao cuidado com a fauna e a flora do campo, com as matas, com os ciclos de reprodução dos animais, e os processos de interação homem-natureza que são perdidos. Em grandes áreas de produção existem grandes devastações de terra com a retirada da vegetação para dar lugar às culturas que acarreta vários outros problemas.

Conforme podemos observar, esses desafios e suas possíveis consequências não dizem respeito apenas às famílias agrícolas e aos seus jovens, mas a uma sociedade (urbana e rural) que encontra no campo sua fonte produtiva de alimentos, suas raízes culturais, sua história e identidades.

Esses desafios podem ser observados na realidade vivenciada pelos jovens da comunidade de Frecheira de São Pedro. Lá existe a concentração da terra, a saída dos jovens para os centros urbanos em busca de emprego e estudo para suprir as suas necessidades. Durante a pesquisa exploratória a partir das falas dos moradores que durante muito tempo os povos do campo passaram por um processo de abandono e esquecimento, onde não se falava de sucessão rural, não se tinha políticas públicas direcionadas à permanência das famílias em seus territórios de origem, muito menos dos jovens.

A rotina dos jovens é bem parecida, sendo que a maioria estuda em escolas próximas a comunidade ou na sede de Cocal, pois na comunidade a única unidade escolar que já existiu encontra-se em estado de abandono. Os mesmos dançam quadrilha (grupo junino) resgatando e preservando a cultura que vem se perdendo ao longo do tempo, rezam e participam na sua maioria do grupo de jovens da comunidade ligada a Igreja católica. Tomam banho no rio pirangi, como descrito por eles mesmos que “passa no quintal de casa”. Uma parte significativa das juventudes trabalha com os seus pais na agricultura e pecuária, os homens jogam bola. E é importante ressaltar que alguns já fizeram o êxodo rural, mas retornaram a comunidade por não se identificaram com a vida nas grandes cidades.

A realidade dos jovens da comunidade apreciada é marcada por desafios que revelam problemas sociais locais e que no macro são globais relativos ao trabalho, às questões políticas, culturais, etc. Em outras palavras, se as realidades de trabalho e renda não contribuem com a melhoria na qualidade de vida dos jovens, é preciso pensar formas que proporcione a permanência no meio rural.

É nesse cenário que a sucessão rural emerge com questão prática na vida das famílias e dos jovens. Não somente como um tema de estudos, mas como uma questão a ser problematizada por todos que vivem na comunidade e que, de uma maneira ou de outra, buscam construir suas histórias de vida no Campo.

Compreendendo que a sucessão rural não representa apenas a transferência das unidades produtivas famílias de uma geração para outra, mas com todos os aspectos desejados, como o acesso a terra, onde a partir do trabalho desenvolvido gere renda com habitações que proporcionem conforto, dentre outros pontos importantes. Outro ponto importante no processo sucessório é que o Estado assegure que os sujeitos tenham acesso as políticas públicas que são garantidas por lei. Só assim acontecerá o desenvolvimento sustentável e solidário seguindo os princípios da agroecologia como é defendido pelos Movimentos Sociais e Organizações do campo, das florestas e das águas.

Perante o exposto nas últimas duas décadas no Brasil houve um processo de articulação e mobilização em busca da efetivação de políticas públicas que garantissem direitos para os jovens rurais em permanecer no Campo, assim como para os jovens urbanos. Segundo Silva (2018):

A busca por ampliação de investimentos públicos tem sido uma das principais demandas da juventude que deseja continuar os seus projetos de vida no campo, tendo em vista que o acesso de qualidade às políticas agrícolas e agrárias é de suma importância para a garantia da sucessão rural, para a geração de trabalho e renda e para todas as dinâmicas indispensáveis à manutenção da vida nesse espaço. (p. 88)

Na conquista e ampliação de direitos, em 2005, foi criada a Secretaria Nacional de Juventude e do Conselho Nacional de Juventude que teriam a missão de fomentar pesquisa e criar junto ao governo federal políticas públicas de inclusão e desenvolvimento das juventudes. A juventude camponesa esteve presente desde a reivindicação, criação e estruturação destes dois espaços, sempre pautando as demandas dos jovens rurais. Em 2013, houve a publicação do Estatuto da

Juventude, após muita luta e unificação dos jovens do campo e da cidade que reconhece estes sujeitos, reconhece e institui uma serie de direitos.

Outro ponto importante da sucessão e efetivação de direitos foram as conferencias municipais, estaduais e encerrando o processo a conferência nacional. Durante o processo de construção os participantes eram provocados a refletir os problemas e eventuais soluções. Resultante desta articulação entre participantes que representava a sociedade civil organizada que na maioria das vezes estava ligada a organizações e movimentos sociais foi publicado em 2016, o Plano Nacional de Sucessão Rural que ligado ao então ministério do Desenvolvimento Agrário criaria e fomentaria ações que proporcionaria o desenvolvimento do campo, seja, da agricultura familiar, quilombolas, pescadores, indígenas, etc. Só que de 2016 até 2020 pouco se avanço no que diz respeito a este plano, devido aos vários acontecimentos no país.

Durante o estudo foi possível compreender a partir do diálogo com jovens rurais de uma comunidade que os mesmos muito vêm sofrendo os impactos de uma sociedade excludente que tem priorizado as cidades urbanas, o trabalho fabril, dentre outros pontos. Ao mesmo tempo existe os agravantes como o não acesso a educação de qualidade, saúde e políticas públicas eficazes que deem vida digna e de qualidade aos jovens. Com a elevação da ideia que a cidade é a melhor alternativa e com a falta destes pontos nos perguntamos se a juventudes rurais de Frecheira de São Pedro querem ficar ou sair? No decorrer do texto será explanado como os sujeitos veem o campo e quais suas expectativas futura.

4.2. A realidade da juventudes rurais da comunidade de Frecheira de São Pedro

Conforme observamos na pesquisa, a comunidade analisada está inserida em um contexto social, político, cultural e ambiental típico das famílias sertanejas. A trajetória das juventudes rurais de Frecheira de São Pedro é influenciada direta e indiretamente do acumulo de fatos históricos de décadas. Por este motivo os fatos respingam diretamente na vida dos sujeitos.

Assim como boa parte das comunidades rurais nordestinas localizadas em municípios de pequeno e médio porte, a comunidade pesquisada não oferecem grandes oportunidades para os jovens que querem estudar em áreas específicas,

não tem acesso pleno a saúde e educação, as estradas que liga o povoado a sede do município boa parte do ano fica em um péssimo estado de conservação. Por outro lado, boa parte dos jovens relata que desejam residir na localidade e ainda nas suas falas demonstram que através da agricultura e pecuária é possível produzir e ter um pouco de renda, além de encontrarem formas de lazer nas coisas mais simples da comunidade, como o “banhar no rio”.

4.2.1. As questões do mundo do trabalho e renda

O meio rural brasileiro tem seus desafios assim como o urbano tem suas provocações que vem se mostrando significativos para os sujeitos que residem nestes territórios. A inserção no mercado de trabalho campo muitas vezes está relacionada ao sistema patriarcal nos núcleos familiares, a falta de acesso a terra e crédito. Para se garantir a sucessão das juventudes é preciso pensar sobre a “formação das políticas públicas, voltadas para o desenvolvimento rural, o aprimoramento constante das informações relativas aos modos de vida e produção da população do campo” (VALADARES et al. 2011, p. 136).

Diante das dificuldades relacionadas à permanência dos sujeitos no campo, o trabalho e a renda são fatores de extrema importância para que haja o processo sucessório de transferência e até de mesmo de opção de ficar no campo, tendo em vista que são estes fatores que influenciam na escolha de “ficar” ou “sair” foram expostos abaixo os pensamentos dos sujeitos.

Quadro 01. Caracterização das falas sobre as questões do mundo de trabalho e renda.

DIMENSÃO	PERGUNTAS	ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS
Trabalho	Você gosta de trabalhar no campo? Por quê?	Nas respostas os jovens relaram que gostam da comunidade, de viver no campo, demonstrando que existe uma possibilidade dos mesmos ir de contra ponto as estatísticas e um número relevante permaneça na comunidade sem fazer o êxodo rural.
	Você pretende dar continuidade ao trabalho da sua família? De que maneira?	O processo sucessório no campo passa pela autoconstrução da identidade dos sujeitos envolvidos no processo. Na Frecheira de São Pedro não é diferente, 60% dos jovens desejam permanecer nas atividades que seus pais desenvolvem hoje, mesmo com toda a conjuntura de abandono que o campo passa.
Renda	De onde vem à renda familiar? E quem contribui? (Trabalho, outros)	Como estamos falando de uma comunidade rural, aos poucos as configurações do “novo rural” que vem sendo discutido no acadêmico vão chegando no território, percebe-se isso quando os jovens falaram que a renda vem da agricultura, mas existem outras atividades não agrícolas em algumas famílias

		que ajudam a complementar a renda.
	Existe divisão da renda entre os membros da família? Se sim, como é feita?	No rural historicamente os jovens trabalham no regime familiar, sendo que na maioria das vezes a renda ao final do mês é junta e paga as despesas da casa, mas o excedente, se existir, fica na mão de uma pessoa, sem divisão. Na totalidade, fica claro que nos núcleos familiares os jovens trabalham no coletivo e não tem a preocupação de garantir o “acesso” de todos à renda excedente.

Fonte: Autor, 2020.

Conforme podemos observar no quadro acima os jovens da comunidade tem uma identidade construída socialmente, já que somos sujeitos que sofremos interferências do meio, podendo ser direcionados a partir de todos os fatores, desde a inserção dos mesmos dentro das atividades desenvolvidas na agropecuária, na participação da vida em comunidade, dentre outros aspectos.

Outro fator importante na pesquisa foi compreender como se dar a participação dos jovens no núcleo familiar no que diz respeito ao trabalho, onde dos 10 jovens entrevistados conforme o estudo de caso, 02 só trabalha, 03 trabalha e estuda, 04 só estudam e 01 nem trabalha e nem estuda, sendo que das 05 pessoas que de alguma forma trabalham, 03 na agricultura e pecuária, 01 trabalha no posto de saúde (atividade não agrícola) e 01 trabalha ajudando uma professora (atividade não agrícola) e com a família (atividade agrícola).

Dos 10 jovens pesquisados, 06 trabalham e ao mesmo se identificam com as atividades agrícolas desenvolvidas pelas suas respectivas famílias e querem dar continuidade na profissão dos pais, 03 jovens relataram que não se identificam com as atividades agrícolas desenvolvida pelas famílias e 01 não opinaram. Os núcleos familiares da Frecheira de São Pedro trabalham em pequenas áreas de terra que estão em torno de suas casas, seja na comunidade ou na área de assentamento, com quantidades varias de terras, desde uma pequena área do quintal de casa a 26 ha que é o tamanho da parcela que cada família assentada tem direito.



Figura 05: Área de cultivo em Frecheira de São Pedro, Cocal-PI. Fonte: Autor, 2019.

Existe em Frecheira de São Pedro a concentração da terra, ao mesmo tempo em alguns casos o jovem tem acesso a terra mais não consegue trabalhar devido não ter conhecimento pleno sobre como produzir e muito menos que existem linhas de créditos como o Pronaf Jovem que os mesmos podem ter acesso para fomentar a produção, dentre outros pontos.

Nas comunidades camponesas existe uma produção diversificada de alimentos produzida pelas famílias e não é diferente em Frecheira de São Pedro, onde 08 jovens destacam que na agricultura é produzido: milho, feijão, mandioca, fava, mamão, banana, coco, macaxeira, gergelim, laranja, abóbora, goiaba, acerola, seriguela, banana, cheiro verde, cebolinha, quiabo, pimentinha. E os outros 02 jovens não opinaram, mas 01 afirmou que a família produz. Na pecuária de forma geral, 09 jovens relataram que suas famílias têm: Cabra, vaca, porco, galinha, cavalo, peixe e ovinos, além dos animais domésticos que 01 dos 09 jovens falou: cachorro, gato e loro. E 01 jovem não respondeu os questionamentos.

Para ter acesso à renda as famílias desenvolvem diferentes formas de trabalho, onde muitas vezes são coletivos dentro do núcleo familiar. No que diz respeito, 08 jovens relataram que a renda da família é menos de um salário e 02 jovens acima de um salário mínimo. Dos 10 jovens, 08 relatam que a família trabalha na roça, mas que tem algumas atividades desenvolvidas pelos membros da família fora dos estabelecimentos agrícolas, como: 01 dos jovens o pai trabalha como pedreiro e faz tijolos para a construção, sendo uma atividade importante, pois garantir uma renda extra, além de preservar a cultura que vem sendo perdida; 01

jovem salário do posto de saúde; e, 01 jovem é músico e trabalha com lanches. E dos demais, 01 jovem não respondeu sobre a atividade desenvolvida pelos familiares e 01 jovem não respondeu a pergunta. Quando indagados sobre a existência de alguma renda extra, 08 jovens responderam que sim, sendo mais citada a Bolsa família (07 entrevistados), 01 pessoa da família de um jovem faz bico do pai em uma oficina e 01 trabalha ministrando aulas de box.

Foi questionado aos jovens como acontece e se existe uma sustentabilidade financeira das juventudes dentro dos núcleos familiares, ou seja, se existe divisão da renda entre os membros da família, caso existisse, como é feita. Dos 10 jovens pesquisados, 02 relataram que o pai e a mãe é quem faz o controle da renda da casa, 02 falaram que não existe, 01 não respondeu e 05 respondeu que todo o dinheiro é investido na casa, sendo que não tem divisão.

A partir das respostas fica perceptível que a maioria dos jovens estão inseridos nos espaços produtivos das famílias, sendo que ao ser analisado com criticamente é possível observar que se bem explorada as culturas agrícolas e na área da pecuária, com um escalonamento e beneficiamento da produção, por exemplo, é possível ter produtos de qualidade, podendo beneficiar para agregar valor e ao mesmo tempo ser aumentado a renda. Outro ponto interessante é que mesmo sendo desenvolvidas outras atividades fora das propriedades, as famílias não perdem sua categoria de “agricultores familiares” tendo em vista que as rendas obtidas fora não superam as obtidas na agropecuária. Nas novas configurações do “novo rural” provocado pela revolução verde e tecnológica esta discussão sempre estará presente, pois a tendência é que o rural passe pelo processo de modernização, mas ao mesmo tempo é necessário a autorreflexão sobre o campesinato e agroecologia nestes espaços para a construção das identidades dos sujeitos.

A juventude como momento de transição de fase de vida necessita de um capital financeiro para poder garantir a sustentabilidade no espaço em que estão inseridos, mas como garantir que os mesmos tenham autonomia? Como permanecer em espaços sem dinheiro para suprir as necessidades? A partir do exposto, percebe-se que os jovens não têm acesso a este capital, onde a renda é somada ao núcleo, só que se existir um excedente não é dividido. Segundo Vantroba (2009, p. 5) “o principal motivo que os leva a abandonar o campo não é a vontade de viver na agitação das cidades e sim pela impossibilidade destes

alcançarem seu pleno desenvolvimento econômico através de atividades agrárias”. Já para Brumer (2006):

o primeiro é dificilmente equacionável dentro da economia familiar, cujos recursos geralmente são indivisíveis e ficam sob o controle do pai. Uma alternativa para os jovens é o assalariamento, principalmente no meio urbano, que marca uma ruptura temporária ou definitiva com a atividade agrícola. A solução do segundo requer a mudança nas relações familiares, através da participação maior de todos os trabalhadores familiares no processo de tomada de decisões e de um maior espaço para a atuação dos jovens (BRUMER, 2006, p. 5).

Por outro lado a cidade se torna mais atrativa devido às várias possibilidades existentes que vão além do espaço urbano, “mas de obras, de objetos, de infraestruturas, de equipamentos, de edificações, de acontecimentos, de ideias, de valores, de possibilidades etc.” (SPOSITO, 2010, p. 111). Por este motivo e influenciados por vários fatores mencionados os jovens ficam indecisos no local onde irão construir os seus projetos de vida.

A partir do exposto é possível gerar reflexões de como se dar as relações dos camponeses com o “novo rural” e o mundo de trabalho perante os desafios impostos pelo capitalismo que traz a cidade como solução. Ao longo da história existem várias discussões sobre o desaparecimento da propriedade camponesa, onde Karl Marx ajudou a refletir sobre os perigos da transformação dos camponeses e artesãos em proletários ou até mesmo no camponês parcelar subordinados aos latifundiários.

São riscos que até hoje os povos do campo sofrem, a continuidade de expulsão dos mesmos de suas terras que “liberam, com os trabalhadores, não apenas seus meios de subsistência e seu material de trabalho para o capital industrial, mas criam também o mercado interno” (MARX, 1996, p. 367). Consequentemente, ocorre a mutação dos que saem do campo para o operariado urbano, fortalecendo o modo produção baseado no capital. É necessário que os sujeitos a partir das contradições do sistema econômico façam as reflexões necessárias para ir contra a hegemonia.

O campo como lugar de construção de projetos de vida, ofertando trabalho e renda que direcionando a emancipação das pessoas a partir do trabalho no meio rural. Sabe-se que os camponeses mesmo com pequenas áreas tendo os meios de alavancar o desenvolvimento descrito por Marx (1997) como:

Cada família camponesa é quase auto-suficiente; ela própria produz inteiramente a maior parte do que consome, adquirindo assim os meios de subsistência mais através de trocas com a natureza do que do intercâmbio com a sociedade. Uma pequena propriedade, um camponês e sua família: ao lado deles outra pequena propriedade, outro camponês e outra família. (MARX, 1974, p. 403).

Na descrição, o autor ajuda a entender que cada comunidade é dotada de uma diversidade que pode ser trabalhada com os métodos adequados para gerar autonomia. Ao mesmo tempo, é capaz produzir alimentos de qualidade, para o consumo e possivelmente comercializar o excedente, já que a produção é diversa gerando soberania, onde ao mesmo tempo fortalece a classe trabalhadora.

4.2.2. A vida no campo e identidades

Considerando que a vida no campo e as identidades que os sujeitos constroem sobre suas realidades são elementos imprescindíveis para compreender os desafios da sucessão rural na perspectiva dos jovens. Por tanto a visão dos sujeitos sobre suas vivências foram problematizadas nas perguntas descritas abaixo:

Quadro 02. Caracterização das falas sobre a vida no campo e identidades

DIMENSÃO	PERGUNTAS	ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS
Vida no campo e identidades	Você acha que seria mais feliz na cidade? Por quê?	Os jovens demonstram que existe um sentimento de pertença ao espaço em que estão inseridos. Os mesmos gostam de viver no campo, sendo uma característica forte da identidade construída ao longo do tempo e espaço em que estão inseridos.
	Você se identifica com o meio rural? Se sim ou se não os pais tiveram influência nessa opinião?	A identidade de um sujeito é construída a partir do seu dia-a-dia, do pertencimento as coisas mais simples e as mais complexas. O jovem como sujeito de direitos em uma sociedade que prega todos os dias que o urbano que é o certo, o melhor, se assumir como rural como foi visualizado na pesquisa, mostra que existe um processo de auto empoderamento que contrapõe o sistema nas 09 falas dos jovens.
	Você tem vontade de continuar morando no campo? Por quê?	De forma significativa foi constatado que os jovens sentem o desejo de permanecer na comunidade, ligado ao seu território de origem, onde mais de 50% dos entrevistados afirmam terem o desejo de permanecer, mas para isso acontecer é preciso fortalecer os vínculos com os sistemas de produção e geração de renda, e assim, os mesmos permanecer em sua comunidade.

Fonte: Autor, 2020

Conforme podemos observar no quadro acima, parte significativa dos jovens da comunidade pesquisada vê o campo como lugar de possibilidades e construção de modos de vida digna, levando em consideração todo o contexto social vivenciado pelos mesmos.

Em virtude da aplicação do questionário, os jovens pesquisados no que diz respeito ao eixo “vida no campo e identidades” demonstraram em 09 falas que gostam de viver no campo por que é um lugar de paz, tranquilidade, de trabalhar (hortaliças, criação de peixe), é um lugar de brincadeiras (jogar bola) e de ter amigos.

Na segunda pergunta da entrevista, quando questionados sobre a possibilidade de serem mais felizes morando na cidade e não no campo, 02 jovens destacam que sim, seriam mais felizes na cidade, sendo que destes 01 jovem relata que o motivo é de gostar mais da cidade, já a outra justificativa está relacionada a falta de energia elétrica na residência. E para os 08 jovens não seriam felizes na cidade por que o campo é mais calmo, tem menos violência quando comparado aos centros urbanos, confusão, a cidade não tem silêncio, onde destes 04 dizem os pais tiveram influência nessa opinião.

A partir das falas observa-se que 09 dos jovens entrevistados relatam que sim, que se identificam com o meio rural, levando a entender que o processo de autoconstrução da identidade em alguns pontos está relacionado ao convívio familiar e em outros casos do convívio comunitário. Já 01 dos jovens gosta mais da cidade não deixou claro o porquê da preferência, mas entende-se que as influencias externas do convívio familiar e comunitário pode ter sido maior.

Com o objetivo de compreender a visão dos jovens, no momento seguinte os mesmos foram indagados sobre a permanência ou não no campo, dos 10 jovens pesquisados, 07 jovens enfatizam que sim por que os mesmos se identificam com o lugar e 03 jovens não desejam continuar no campo, sendo que deste 01 quer trabalhar na cidade de Parnaíba-PI, 01 não respondeu se tem um motivo específico e 01 jovem deseja sair às vezes, mas não tem nada específico que a motive. E dos 10 jovens pesquisados, 01 acha que as pessoas do rural têm as mesmas oportunidades do urbano e 09 jovens acredita que não, na cidade é mais fácil, pois na zona rural falta de escola e estudo conseqüentemente, falta emprego.

Na literatura observaram-se alguns casos semelhantes dos que foram expostos acima, os jovens se identificam com o espaço em que estão inseridos, desejam permanecer, só que ao mesmo tempo visualizam que o campo ainda falta estruturas que os ajudem a fazer o processo sucessório. Em alguns casos pontuais a família, a escola e a sociedade em geral incentiva os mesmos a saírem com a ideia de “sair do meio rural para seguir estudando e *‘ganhar a vida’* de outra forma” (BARASUOL, 2016. p. 149). Nos casos que existem uma identidade e vínculos com a comunidade, os sujeitos saem em busca de formação e após este processo retornam a suas origens, tendo em vista que o campo também precisa de profissionais formados em áreas diversas. E existem casos que os mesmos saem e não retornam, permanecendo em outros territórios.

O rural como espaço diverso pode proporcionar várias possibilidades a quem nele desejar morar, não sendo diferente com os jovens da comunidade pesquisada. É perceptível que os mesmos conseguem tirar dos espaços mais simples, várias formas de viver bem com tão pouco, despertando interesses que giram em torno dos trabalhos agrícolas e não agrícolas. Isso pode ser confirmado quando se observa as respostas dos jovens que foram pesquisados com questionário e com os que participaram do grupo focal.

4.2.3. A Educação e a Cultura

Considerando a educação como uma esfera importante na vida social dos indivíduos que os leva a socializar saberes, proporcionando o desenvolvimento social através da formação do conhecimento, que aprimora habilidades, valores e comportamentos entende-se que a mesma deve levar em consideração as formas e práticas de vida de cada sujeito.

Na comunidade os jovens não têm acesso pleno a educação, tendo em vista que o prédio escolar da localidade já faz algum tempo que está fechado, sendo nucleado na escola mais próxima que fica cerca de 03 km de Frecheira de São Pedro. Já o ensino médio os sujeitos têm acesso na sede do município, mas de forma que muitas das vezes é desestimulante tendo em vista que, por exemplo, o transporte escolar devido a alguns fatores foi suspenso ficando sem condições os mesmos terem acesso a escola por um período do ano.



Figura 06: Colégio de Olho D'água, Cocal-PI. Fonte: Autor, 2020.

Para entendermos como está sendo o modelo de educação de Cocal e como os jovens pesquisados a veem foram sistematizados abaixo algumas perguntas norteadoras.

Quadro 03. Caracterização das falas sobre a cultura e educação.

DIMENSÃO	PERGUNTAS	ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS
Cultura e educação	Sua escola incentiva você e sua família a permanecer no lugar onde mora ou em outro lugar? Qual?	A educação como ferramenta de emancipação de sujeitos e formadora de opinião, subentende-se que a mesma tenha a missão de para fortalecer os vínculos e laços dos sujeitos com a realidade vivenciada, mas percebe-se a partir do ponto de vista dos entrevistados a escola frequentada pelos mesmos não incentiva a permanência no campo e a sucessão rural nos núcleos familiares, reforçando a ideia que o campo não é lugar de morar e trabalhar.
	Você tem conhecimento no ramo da agricultura?	Um fator importante para a sucessão rural é além da transferência dos estabelecimentos rurais, é a transferências dos conhecimentos e saberes de uma geração para a outra. Na Frecheira de São Pedro isso vem ocorrendo, sendo um fator importante, pois se os jovens decidirem permanecer em seu território de origem terá além da posse da terra, os conhecimentos empíricos que faz parte de suas identidades pessoas.
	Você tem acesso a atividades lazer? Que tipo?	O lazer pode ser considerado como um atrativo que sirva para mostrar o quanto os espaços das comunidades são ricas e ao mesmo tempo diversas. Na comunidade as belezas naturais e materiais (construídas pelo homem) da região são apontados como algo que é usado para distração como futebol, ir a igreja, ir a praça, banho (rio e praia), festas, jogos, internet e até mesmo o namorar.

Fonte: Autor, 2020.

Entendendo que a escola é uma instituição fundamental que interfere e contribui na formação de opiniões dos sujeitos, durante a aplicação do questionário os jovens foram indagados se a mesma os incentiva e suas as famílias a

permanecer no lugar onde mora ou em outro lugar. Para 03 jovens a educação ofertada na rede pública pode ajuda-los a não sair do campo, inclusive 01 jovem citou a experiência que teve com um professor que trabalhou em sala como fazer canteiros. Já para os outros 07 jovens não incentiva a permanecer, mas o incentivo é em deixar o campo, estudar para conseguir um emprego melhor fora da agricultura, de seus territórios, por exemplo.

Diante do exposto percebe-se que existe uma grande necessidade de um modelo de educação que valorize os povos do campo, tendo em vista que sem camponeses não tem como a “cidade” ter alimentos. É perceptível que existe um abismo na formação dos educadores com a realidade, onde ao chegar na sala de aula, os professores trabalham um modelo de educação descontextualizada que não tratam os sujeitos do meio rural a partir das suas especificidades. Para ter no meio rural pessoas conscientes, os educadores segundo De Aguiar (2009) “devem ensinar no campo para que seus alunos cresçam e se superem, não para abandonar o meio rural e suas causas, mas para crescer dentro desse meio e lutar por essa causa” (p.33).

Quanto às formas de acesso a cultura de lazer, os jovens da comunidade caracterizaram que as formas de aceso a lazer em 09 falas, sendo considerado lazer o futebol, ir a igreja, ir a praça, banho (rio e praia), festas, jogos, internet e namorar. E 01 jovem relatou que não tem acesso e também não falou o motivo. E dos 10 jovens, 08 estavam inseridos em de grupos sociais sendo do grupo de jovens da Igreja Católica, grupo de crisma, dança (quadrinha), 01 era músico e 01 não participa de nada.



Figura 07: Rio Pirangi em Frecheira de São Pedro, Cocal-PI.
Fonte: Autora, 2020.

Existe um processo organizativo dos jovens da comunidade, sendo que o poder público não oferta formas de lazer, então os próprios jovens realizam atividades para se divertirem. Na Frecheira de São Pedro as juventudes criaram formas de lazer que resgatam a cultura, que necessita de preservação no caso do banho no rio dentre outros pontos. Acredita-se que estes espaços ajudam na formação crítica dos sujeitos sobre suas realidades.

A realidade quando destorcida e atrelada aos interesses do capitalismo no campo serviu e ainda serve para reproduzir “os valores dominantes que orientam as políticas públicas para um pretenso desenvolvimento da agricultura familiar no Brasil” (CARVALHO, 2003. p.16). O modelo desenvolvimento adotado em Cocal não é diferente das outras regiões do país, não dialoga com a realidade dos sujeitos, não faz referência aos modos de vida do homem camponês e da mulher camponesa, sendo assim apenas uma “preocupação com a expansão de escolarização das massas trabalhadoras” (NEVES, 2000, p.188). Consequentemente, quando isso acontece os sujeitos negam suas formas de vida, suas histórias, as formas de lazer e dever o rural por tudo aquilo que foi vendido durante principalmente o acesso a educação descontextualizada e o que a mídia propaga, dentre outros fatores.

4.2.4. A vida política

Durante muito tempo a percepção das pessoas sobre a política não tem sido incentivada, onde existem sujeitos que veem a ver com uma visão preconceituosa, além de ser reforçado em todos os espaços que a participação da sociedade civil não era importante para o desenvolvimento e emancipação dos sujeitos. Se todos os cidadãos são pessoas de direito, é preciso que os mesmo exerçam a sua cidadania questionando o sistema de organização, mas houve uma invisibilização, principalmente dos jovens nos espaços de discussão política, hora por que as próprias juventudes se negarem e não terem interesse de discutir suas realidades, hora a negação vinda das representações sociais para os mesmos devido à ideia que não se precisava destes sujeitos organizados.

Aos poucos este sistema está sendo mudado, sendo demonstrados nas falas dos jovens que conseguem visualizar na organização política. Como saída para a superação das mazelas impostas pelo sistema de organização capitalista, é preciso

desconcentração da renda, investir em políticas públicas, sendo de grande importância a participação cotidiana para interferir nas realidades de exclusão e desigualdades sociais que expropria e retiram direitos a partir da falta de desorganização.

Quadro 04. Caracterização das falas sobre a vida Política.

DIMENSÃO	PERGUNTAS	ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS
Política	Você se interessa por política?	No processo organizativo dos jovens da comunidade pesquisada, é de grande relevância a participação dos mesmos em alguma organização social, seja da Igreja, seja do grupo de jovens ou de outro segmento, mas das respostas ao serem indagados sobre a política, os mesmos relatam que não gostam de política. Mas se a política transpassa por todos os processos de organização, como esses jovens não gostam? Fica então a pergunta no ar, se os jovens não sabem o real significado de política ou estão levando apenas para o lado da política partidário?
	Você conhece algum projeto governamental de assistência a jovens do campo? (Pronaf, Projovem Campo)?	Na discussão da sucessão rural subte-se que é necessário não só a transferência dos estabelecimentos familiares de pai para filho, mas que haja também vários dispositivos que os ajudem a permanecer sem fazer o êxodo rural. Mas, dos jovens pesquisados parte significativa não sabem se existem políticas publicas, sendo assim necessário de uma divulgação que hoje existe alguns dispositivos, como linhas de credito que ajudam no melhoramento da produção.

Fonte: Autor, 2020.

Conforme podemos observar no quadro acima existe uma grande necessidade de aprofundamento do significado do termo, tendo em vista que “a luta política no Brasil, hoje, é tanto uma luta pelo poder quanto uma luta em torno do significado da democracia”. (WEFFORT, 1984, p. 59). Por tanto, tendo em vista que as formas de organização que os sujeitos participam é diretamente uma forma de fazer política, pois contribui diretamente nas mudanças desejadas na realidade da família, da comunidade e do município.

Dos 10 jovens pesquisados, 07 jovens participam da igreja e do grupo de jovens da comunidade e 03 jovens não declaram participação em nenhum grupo da comunidade. Mas, todos os entrevistados, inclusive os que não participam de grupos relatam que a participação social pode melhorar a “realidade, o comportamento e integração, na ajuda mútua entre os membros, que os afasta das drogas, ajuda a compreender a realidade, deixa os mesmos mais unidos, é ‘alguma coisa pra fazer’ que orienta e ajuda”.

Ao serem perguntados sobre se os mesmos se interessavam por política, 04 jovens relataram que sim, por que acha legal, muda os fatos na união, é interessante, mas 01 ressaltou que acha legal a política de participar, mas acha estranha a política partidária. Já 06 jovens falaram que não, sendo que 01 ressaltou que não gosta da confusão, 01 falou que só prometem e não fazem na política partidária e 01 deixou claro que não gosta da política partidária.

Na comunidade existe uma associação, mas os jovens relatam que não participam ativamente por não verem como esta organização pode contribuir em suas vidas, participando apenas os pais dos mesmos. Mas afinal, a associação não é um espaço de construção coletiva? Sim, só que as juventudes não o entendimento sobre a importância da inserção nestes espaços, além do potencial da associação em levar políticas públicas para a comunidade.

Em relação à política partidária, por que existe esta negação? Acredita-se que o não entendimento da dimensão política representativa faz com que os sujeitos deslegitimem o poder do voto provocando problemas na comunidade. Por este motivo é importante não esquecer que a democracia associada ao acompanhamento da política no micro e macro podem provocar mudanças concretas nos territórios.

Outro ponto importante é o conhecimento sobre os projetos governamentais de assistência aos jovens do campo, como o Pronaf, Projovem Campo, etc. Dos 10 jovens que foram entrevistados e perguntados se eles conhecem algum projeto de inclusão dos jovens, 01 jovem falou que sim, conhece ou já ouviu falar do PRONAF, mas não sabe explicar e 09 jovens relatam que não conhecem e nem ouvirão falar.

É importante destacar que, a juventude rural assim como as demais “classificações” de jovens tem algumas políticas públicas que são destinadas aos mesmos na perspectiva de estimular a participação dos sujeitos que estão na faixa etária de 16 a 29 anos. Assim como o Pronaf, vários outros programas existem, a exemplo do Plano Nacional da Juventude e Sucessão Rural, Estatuto da Juventude dentre outros que necessitam que os jovens estejam emponderados para assumir e participar de forma mais ativa para ter acesso, e assim repercutir positivamente nas suas decisões sobre o campo.

Com a invisibilização social dos jovens rurais assim como parte dos jovens pobres das periferias não existe o despertar dos sujeitos para participação política, a exemplo de outros grupos ligados as Igrejas que na sociedade criou-se a ideia de

apenas participarem por participar, mas o comportamento demonstra que muitas vezes são grupos fechados que segundos os mesmos não podem fazerem as discussões da política local e muito mesmo irem em busca de acesso terra e políticas públicas para o território.

Compreende-se que a participação da juventude na vida da comunidade, assim também em todos os espaços é de grande importância de compreender a democracia, principalmente nos períodos eleitorais, que é o momento de utilizar a política partidária para garantir que durante o período de um mandato de uma representação seja garantido o acesso de políticas públicas, onde os mesmo tem a oportunidade de participar criticamente desse processo e ao final avaliar como de seu e se é viável continuar. Através desta política de organização é possível lutar pelo acesso ao trabalho, a terra, a saúde de qualidade, educação, água e moradia, dentre outros pontos.

4.3. A realidade dos jovens segundo suas falas em um grupo focal

Conforme apresentado na metodologia o grupo focal possibilitou uma maior aproximação para a compreensão da realidade dos jovens. As juventudes participaram de forma direta, onde através de um questionário simples com perguntas objetivas foram provocados a refletir sobre as suas vivências diárias e suas visões de mundo dentro e fora da comunidade.

Inicialmente foi apresentado aos jovens a proposta do estudo e realizado uma reflexão sobre a importância dos jovens compreenderem suas próprias realidades. Seguidamente foi realizado o aprofundamento do estudo por meio do acesso a informações qualitativas, sendo construído um ambiente de diálogo sobre temas do cotidiano vivenciado por todos direcionado por perguntas encontradas em anexo.

Os jovens da comunidade de Frecheira de São Pedro assim como os de outras comunidades vivem o dilema das incertezas de ficar ou sair do campo, quando indagados sobre suas vontades futuras durante a roda de conversa, dos 12 jovens participantes, 04 pretendem sair da comunidade e 08 querem permanecer.

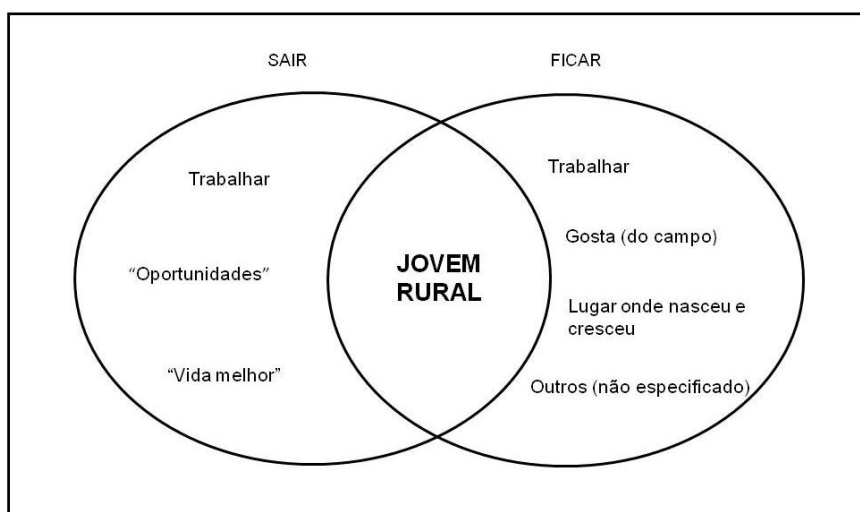


Figura 08: Motivos de ficar ou sair citados pelos jovens. Elaborado por: Autor, 2020.

Ao serem questionados sobre os porquês de ficar ou sair da comunidade, identificamos as palavras exposta a cima. Entendendo que os jovens como sujeitos de livres escolhas querem trabalhar (citado 03 vezes) ao permanecer, pois os mesmos entendem que é melhor ficar no lugar onde nasceram e cresceram (citado 02 vezes). E ao mesmo tempo tem os sujeitos que almejam sair da comunidade para trabalhar, ir atrás de oportunidades (citado por 02 vezes), de uma vida melhor. Mais afinal o que é trabalho? Destacam-se algumas das falas sobre a compreensão dos mesmos.

Quadro 05. Concepção dos jovens sobre Trabalho.

Jovem 01	<i>“Tudo... sem sombra de dúvidas. E se ter as coisas com dignidade”</i>
Jovem 02	<i>“Trabalho é dignidade, é uma forma de ocupar a mente em vez de ocupar com coisas inadequadas”</i>
Jovem 03	<i>“Trabalho é de onde vem o dinheiro que garante um futuro melhor”</i>
Jovem 04	<i>“É algo que garante o sustento da família, proporcionando uma boa vida”</i>

Fonte: Autor, 2020.

Como se pode ser observado os jovens entendem que a agricultura é uma forma de trabalho, mas nas falas de alguns é enfatizado que um “emprego” fora é melhor, além de facilitar nos estudos e que existe uma falta de investimentos no campo.

É fato que os jovens têm suas opiniões sobre a vida na cidade e ao mesmo tempo fazer a autorreflexão. Os mesmos foram questionados se deixaria a vida na comunidade de Frecheira pela vida em uma cidade grande. Vejamos:

Quadro 06. Concepção dos jovens sobre ficar ou sair do campo e o porquê da decisão.

Jovem 02	<i>“Tranquila, ou seja, muita boa. Sim, pelo motivo de trabalho”</i>
Jovem 04	<i>“Vida corrida. Não, mas depende, pois pensando no filho e em seu acesso a educação poderia acontecer”</i>
Jovem 07	<i>“Não sabe. Sim, pois da pra conseguir um bom emprego e melhor educação”</i>
Jovem 08	<i>“Vida na cidade é estressante. Sim e não, sim por que na cidade tem mais chance de trabalho e não por que é o lugar em que nasceu”</i>
Jovem 12	<i>“Na minha opinião poderia melhorar mais. Eu deixaria para morar em Brasília para ter um trabalho melhor”</i>

Fonte: Autor, 2020.

A partir das falas citadas que reforçam a discussão acima, é perceptível que a compreensão do que é trabalho não é ampla, mas reduzida. Sabe-se que muitos têm acesso e desenvolvem trabalhos na agricultura e pecuária com suas famílias, seja em seus pequenos lotes no caso dos moradores da comunidade, seja nas parcelas das famílias assentadas na área de reforma agrária, só que o emprego é carteira assinada é mais valorizado que o trabalho na roça.

Outro ponto é o “sair para ter acesso à educação”, tendo em vista que a única escola que tinha na comunidade está fechada, assim como várias escolas rurais do município de Cocal que foram nucleadas. Mas, ao invés de sair, porque não reivindicar do poder público melhore as condições de acesso à educação? Além disso, é importante que os sujeitos exerçam a cidadania participando nas tomadas de decisões, fortalecer o sindicato e associação como entidades representantes de classe. Sabendo que o acesso à educação é direito garantido pela Constituição Federal de 88 em seu artigo 205. A partir da participação popular, os jovens poderiam garantir acesso as políticas públicas, inclusive as educacionais para poder assegurar que ninguém tenha que sair de seu território para estudar.

É de consenso dos mesmos que os serviços essenciais como saúde, educação e transporte na comunidade ofertado pelo poder público deixa muita a desejar, por exemplo, na comunidade não tem posto de saúde, apenas na comunidade vizinha e segundo os próprios jovens não funciona como deveria.



Figura 09: Posto de Saúde da Localidade Olho D'água, Cocal-PI.
Fonte: Autor, 2020.

A partir dos dados coletados nas falas dos participantes do grupo focal é possível compreender que estão diretamente relacionados aos dados coletados nos questionários de pesquisa, onde reafirmam e ao mesmo tempo revelam informações adicionais como os problemas relacionados a saúde ofertada pelo município.

Mas fica o questionamento, os dados permitiram ampliar a leitura sobre a realidade dos jovens na comunidade? Sim, só que é preciso os mesmos comece a questionar a realidade concreta buscando uma maior conexão do que eles almejam com a realidade concreta. A agroecologia pode contribuir neste processo tendo em vista que haveria um fortalecimento das relações dos sujeitos para com os espaços da sociedade e de produção, onde em primeiro lugar busca-se a compreensão do espaço principalmente as demandas e anseios a partir das seis linhas da sustentabilidade, os sujeitos buscam fortalecimento do território na ideia de que todos sejam beneficiados com acesso a dispositivos que garantam o bem viver, além de uma produção diversificada que garanta a segurança e soberania alimentar.

4.4. Refletindo sobre o papel da agroecologia na vida dos jovens e na comunidade Frecheira de São Pedro

A partir do que foi observado durante todas as visitas e momentos de conversas com os jovens da comunidade, foi perceptível que os mesmos são sujeitos que desejam um campo diferente com “oportunidades” que alavanquem o

desenvolvimento dos mesmos dentro de seus territórios. Mas, enquanto estas mudanças não acontecem cada um procura viver de acordo com a realidade.

Parte significativa dos jovens está inserida no grupo de juventude da comunidade que está ligado a Igreja católica, onde se reúnem na capela de São Francisco. O mesmo grupo é o que organiza os eventos na comunidade, como festa junina, alguns jogam bola, por exemplo, para não deixarem sua cultura se perder. As terras que as famílias trabalham estão em volta da comunidade e no assentamento, onde cultivam plantas e criam animais.

O acesso à educação e saúde é feito em outros espaços, ou seja, tendo em vista que a escola da comunidade está fechada, obrigando os sujeitos a se deslocarem até a comunidade vizinha ou até a sede do município, onde muitas vezes os sujeitos ficam reféns do sistema que não fornecem os transportes deixando-os impossibilitados de irem à escola. As expressões culturais que existem na comunidade na maioria são feitas de forma tímida, mas de grande valor como, por exemplo, a continuidade do grupo junino mesmo sem apoio que todos os anos animam as famílias através da dança. O mesmo ocorre na saúde ofertada pela rede pública. Mas afinal, por que é tão importante entender este contexto social em que vivem os jovens e suas famílias? Vejamos.

A juventude rural nos últimos anos tem estado como tema principal em discussões, principalmente porque existe uma tentativa de construção de um perfil que retrate como a sociedade os vê, mas sempre a discussão gira em torno da ideia que os jovens rurais são os que mais migram. É fato que durante muito tempo, sobretudo a partir da “modernização” do campo provocado pela revolução verde no pós-guerra houve um crescente abandono do rural, mas é fato também que os motivos que provocam esse fenômeno são diversos.

Na discussão precisam-se ser levados em consideração alguns pontos, como:

- 1) com o avanço da concentração da terra no território, várias comunidades foram impactadas que conseqüentemente tem uma repercussão na produção, onde famílias foram removidas em prol de um “desenvolvimento” que exclui mais do que envolve os sujeitos no processo;
- 2) é reforçado a ideia que o rural é um lugar do atraso, ficando nítido quando observado os dados sobre o êxodo rural na segunda metade do século XX e início do século XXI, o inchaço das cidades, a forma que a mídia já descrevia campo;
- 3) criou-se a ideia que o trabalho desenvolvido pelos camponeses não é digno, reforçado pelas leis trabalhistas que foram criadas e

sancionadas no governo de Getúlio Vargas durante o período do Estado Novo, através do Decreto-Lei n.º 5 452, de 1 de maio de 1943; 4) o modelo de educação que chegou ao meio rural que não condiz com a realidade dos sujeitos, não dialoga com as especificidades, não problematizava, onde segue a organização do currículo segundo Dos Santos (2006) “numa perspectiva da educação para o capital, distante da realidade cultural, social e econômica existentes nas propriedades da agricultura familiar”.

Com os resultados da pesquisa obtidos percebe-se que todos os pontos citados repercutem diretamente na vida dos sujeitos da comunidade pesquisada. Na localidade existiu e existe a concentração da terra, onde tem-se indicativos que boa parte da área entorno da comunidade foi concentrada na mão de uma única pessoa, os agricultores familiares que tem a posse da terra se restringem a pequenos lotes e outros de no máximo meio módulo fiscal, sendo as assentadas na área de assentamento. Como fica a juventude se todos decidirem permanecer? A resposta é uma incógnita, pois se existe pouca terra significa dizer que não terá o suficiente para todos produzirem na agricultura e pecuária, ou então, terá que se buscar outras formas de adquirir novas áreas como os pais de boa parte dos jovens pesquisados fizeram.

Uma pergunta que problematiza e que é norteadora do Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural (BRASIL, 2016) é “Por que precisamos enfrentar o desafio da promoção da sucessão rural?” A resposta é clara, se os jovens continuarem saindo do campo vai chegar a um determinado momento que vai faltar alimento na mesa do brasileiro, pois já se sabe que o agronegócio brasileiro só produz commodities. Contrapondo e respondendo o questionamento, a agricultura familiar camponesa mesmo sendo a grande impactada pelo modelo hegemônico de economia, que deixa os pequenos a margem, é a que produz 70% da alimentação consumida na mesa do brasileiro em pequenas quantidades de terras.

Por este motivo, é preciso trabalhar a juventude para que haja o processo sucessório, mas entendo que os jovens também são sujeitos de direitos e deveres, e que ao permanecer não seja negado aos mesmos políticas públicas que garantam o bem viver no campo.

E de entendimento também que se precisa trabalhar o fortalecimento da identidade dos sujeitos, entendendo que os mesmos são moldados pelas suas vivências e experiências do dia-a-dia. Segundo Castro et al (2017) precisamos

quebrar “a visão mecânica de uma ‘atração’ dos jovens do campo pela cidade, em que a principal explicação seria o desinteresse dos jovens pelo modo de vida no campo e, em especial, pelo trabalho agrícola”.

A agroecologia como modo de vida e de produção pode contribuir diretamente neste resgate do ser camponês, garantindo renda aos jovens agricultores, onde a partir da produção agroecológica se garante a autossustentação que “significa: caminhar com as próprias pernas” (MST, 2004a, p. 12).

Acreditamos que para superar esta “atração” precisa-se que os jovens assim como suas famílias se espelhem em suas formas tradicionais de ser e de agir, sendo resistentes ao avanço do capitalismo tendo como ciência norteadora a Agroecologia. Ser camponês para Niemeyer (2006) é:

Aquele que defende o direito à manutenção de um padrão de vida tradicional (mas não atrasado) baseado em valores diferentes dos neoliberais, questionando a primazia do lucro, da tecnologia e da individualidade, em relação ao bem estar social, ao conhecimento tradicional e à comunidade (NIEMEYER, 2006, p. 91-92).

Durante todo o processo de aproximação dos sujeitos, seja a pesquisa das aplicações dos questionários ou na roda de conversa do grupo focal, ficou perceptível que os jovens da comunidade pesquisada têm uma ligação muito forte com o território em que estão inseridos, onde 90% declaram que gostam de viver no campo durante a aplicação do questionário e logo em seguida durante o grupo focal 66,6% dos jovens pretendem permanecer no campo. Na discussão podemos citar Wanderley (2007) com a pesquisa desenvolvida nos pequenos municípios de Pernambuco, onde a mesma corrobora demonstrando que as juventudes daquela realidade assim como as da Frecheira de São Pedro almejam “o melhor dos dois mundos” quando questionados sobre o ficar o sair do campo.

Neste processo de sucessão rural para que os sujeitos tenham o melhor com soberania e autonomia, a agroecologia se apresenta através das linhas da sustentabilidade como ciência que através da transição pode garantir a permanência com vastas possibilidades. Para Mattos (2006):

Num sentido mais amplo, ela se concretiza quando, simultaneamente, cumpre com os ditames da sustentabilidade econômica (potencial de renda e trabalho, acesso ao mercado), ecológica (manutenção ou melhoria da qualidade dos recursos naturais e das relações ecológicas de cada

ecossistema), social (inclusão das populações mais pobres e segurança alimentar), cultural (respeito às culturas tradicionais), política (organização para a mudança e participação nas decisões) e ética (valores morais transcendentais). (MATTOS, 2006, p.23)

A partir da dimensão econômica/ financeira ligando a parte do ambiental é possível trabalhar nas áreas de terra podendo ser coletivo ou não projetos como sistemas agroflorestais, quintais produtivos com enfoque na produção orgânica, criação de abelhas e pequenos animais tratando sempre os agroecossistemas como aliados. Ao mesmo tempo usar de tecnologias sociais para apontar alternativas produtivas no campo da agroecologia.

Ligado a estes pontos trabalhar na dimensão social, ética e política melhorando a organização local e regional, fortalecendo as relações dos sujeitos fomentando o cooperativismo e o associativismo para trabalhar a melhoria e acesso nas estradas, escoar produção dentre outros pontos. Além de valorizar a cultura que é tão necessária para a construção da identidade dos sujeitos. A partir destas dimensões é possível a inserção dos sujeitos na sustentabilidade do meio das relações sociais garantindo a permanência dos jovens na comunidade como sujeitos de direitos, assim como todas as populações do campo.

Em consonância com o que já foi exposto no decorrer das análises apresentadas neste trabalho, que apresenta uma valorização positiva sobre o meio rural, os jovens destacaram, igualmente, sentimentos positivos relacionados ao modo de vida e trabalho desse meio. É importante compreender a realidade destes sujeitos por que são os que vão suceder os atuais agricultores existentes no território. A partir da amostragem é possível compreender a realidade concreta e planejar as possíveis ações que poderá ser desenvolvidas, podendo ser inclusive de extensão e comunicação onde proporcione troca de saberes agroecológicos, consequentemente mudanças nos modos de vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre as realidades das juventudes rurais na comunidade Frecheira de São Pedro possibilitou uma compreensão crítica e reflexiva sobre um dos principais desafios das populações do campo: permanecer vivendo em seus lugares

de origem com acesso ao trabalho capaz de sustentar seus familiares, de maneira autônoma e livre.

Na pesquisa, constatou-se que os jovens da comunidade Frecheira de São Pedro expressam sentimentos de pertencimento quando indagados sobre a vida no campo e identidades. Já que os mesmos demonstram que se identificam com a realidade vivenciada significa dizer que pode ser que haja maiores chances de acontecer à sucessão rural nos estabelecimentos rurais. Mas, ao mesmo tempo é preciso que seja repensado na comunidade as novas formas de fazer sucessão, onde seja garantido assim a de direitos.

Em meio às várias realidades vivenciadas pelos sujeitos ficou perceptível que os mesmos querem ficar em seu território de origem, mas não existem condições objetivas e ao mesmo tempo não conseguem visualizar condições para tal relacionadas ao acesso ao trabalho e renda. A agroecologia pode contribuir nesse processo, na medida em que possibilita a produção de alimentos saudáveis que garante a segurança e soberania alimentar, o acesso ao trabalho e a renda que direta e indiretamente proporciona melhores condições de vida, a valorização cultural, a preservação ambiental e a participação ativa na vida política no micro no que diz respeito a organização comunitária como no macro.

Nesta fase a agroecologia se apresenta como um novo modo de vida que auxilia a comunidade a preservar o que já tem e através das organizações, por exemplo, a associação em parceria com o STRAAF de forma unificada continue lutando por acesso a cultura e a educação, discutindo e aprimorando as questões do mundo do trabalho e renda e a vida política dos sujeitos.

Outro ponto importante que pode-se retomar é que mesmo o campo sendo todos os dias inferiorizados em várias camadas da sociedade e colocado a margem sem várias políticas de inclusão social, o mesmo continua atraindo pessoas que desejam viver e fazer deste espaço um lugar de construção de projetos de vida.

6. REFERÊNCIAS

BARASUOL, Aline. Juventude Rural e Emoções: Fatores subjetivos de valorização do campo. 2016. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Viçosa. 196 p.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. In: BAUER, Martin W.;

GASKELL, George (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 17-36.

BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 26, p.83-92, jun. 2006.

BRUMER, Anita. BRUMER, A.. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: VII CONGRESO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGÍA RURAL, 2006, Quito (Equador). Anales del VII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural, 2006.

BRASIL.. Lei nº 12.852, de 05 de agosto. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude-Sinajuve, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acessado em 25 de agosto de 2020.

BRASIL. Decreto n. 8.736, de 3 de maio de 2016. Institui o Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural. Diário Oficial da União; Brasília, 3 maio. 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8736.htm. Acesso em: 08 de maio. 2017.

CARVALHO, H. M; O camponês no capitalismo atual. Texto publicado na Revista Sem Terra, Ano V nº 19, abril/junho 2003, p.16-19.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio; PAULUS, Gervásio. Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: 3rd Congresso Brasileiro de Agroecologia, Florianópolis, Brazil, Anais: CBA. 2006.

CASTRO, Antônio Maria Gomes de; SARMENTO, Eduardo Paulo de Moraes; VIEIRA, Luis Fernando; LIMA, Suzana Maria Valle. Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso à terra no Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília, 2013.

CASTRO, Elisa Guaraná de et al. Juventude e agroecologia: a construção de uma agenda política e a experiência do Planapo. 2017. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8813/1/Juventude%20e%20agroecologia.pdf>>. Acessado em 01 de junho de 2020.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. Aprendi outro jeito de viver: tradições e novos conhecimentos nas terras Oeste do Rio Grande do Norte. www.cptne2.org.br. Nordeste, 2014. Disponível em: https://www.cptne2.org.br/downloads/Cartilhas/aprendi_outro_jeito_de_viver.pdf. Acessado em 15 de agosto de 2019.

DA SILVA, Nardel Luiz Soares et al. O jovem rural e as perspectivas da sucessão nas propriedades de agricultura familiar. CIÊNCIAS AGRÁRIAS, p. 36, 2017.

DE AGUILAR, Andréa Carolina Lopes. Educação no e do campo: muito mais que luta, uma nova proposta educacional. UFSCar. São Carlos, 2009. 44 p.

DOS SANTOS, Franciele Soares. Educação do campo e educação urbana: aproximações e rupturas. *Educere et Educare*, v. 1, n. 1, p. 69-72, 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. 33ª edição. São Paulo, Editora: Paz e Terra, 2006.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 64-89.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa* - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

JEOLÁS, Leila Sollberger; PAULILO, Maria Ângela Silveira; CAPELO, Maria Regina Clivati. *Juventudes, desigualdades e diversidades: estudos e pesquisas*. Londrina: Eduel, 2013. [livro eletrônico]

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. 413p. (Os Pensadores, XXXV). Trad. José Carlos Bruni.

MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Nova Cultural. 1996 Vol. II, cap.XXIV: A assim chamada acumulação primitiva. Pp. 339-382.

MARTINS, José de Souza. O desprezo pelo rural e pelas profissões relacionadas a ele empobrece a compreensão do que é o Brasil. Entrevista. *Jornal da UFV*, Viçosa, p.7, nº 1.453, jun./jul. 2013.

MATTOS, Luciano (Coord.). *Marco referencial em Agroecologia*. Brasília: EMBRAPA, 2006. 70p.

MORIN, E. *O método*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1998.

MST. *A organicidade e o planejamento*. Cartilha para estudo n. 04. Curitiba: MST, 2004a.

NASCIMENTO, Erika; FERRAZ, Janaina Maria de Paiva; MELO, Maria Cristina Aureliano de Melo, DANTAS, Waneska Bonfim. *Juventude e permanência no campo: reflexão das juventudes rurais sobre possibilidades, limites e desafios*. Recife: Centro Sabiá, 2016.

NEVES, Lúcia M. Waderley. Ensino Médio, ensino técnico e educação profissional: delimitando campos. In: _____ (org). *Educação e política no limiar do século XXI*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

NIEMEYER, Carolina Burle. *Contestando a governança global: a Rede Transnacional de Movimentos Sociais Via Campesina e suas relações com a FAO e OMC*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Rio de Janeiro: PUC-Rio, Instituto de Relações Internacionais, 2006, 190 fls.

PEREIRA, Verônica Sales. Família, mentiras e um gravador: o vínculo de parentesco ente pesquisador e narrador e suas consequências metodológicas. *Plural; Sociologia*, USP, S. Paulo, 7: 21-38, 1º sem. 2000.

SILVA, Luciana Porto da. Juventude feminina no rural do Nordeste: uma análise sobre o processo de permanência a partir do Censo (1980-2010) e da Pnad (1992-2015). 2018.

SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Org.). Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

VALADARES, A. A. et al. "O rural na PNAD 2008". In: CASTRO, J. A. e VAZ, F. M. (Orgs.). Situação Social Brasileira: monitoramento das condições de vida. Brasília: IPEA, 283 p.

VANTROBA, Eléia A. Necessidades e perspectivas para a permanência do jovem no campo no seu ambiente. Irati/PR: Plano de Desenvolvimento Educacional – PDE, dezembro de 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2447-8.pdf>>. Acesso em 17 de agosto de 2020.

VILLARRINHO, F. Uma matriz de relacionamento do impacto do processo sucessório do primeiro mandatário na implantação das estratégias empresariais: dois estudos de caso do segmento de transportes. Porto Alegre, 2007. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Administração e Negócios, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

WANDERLEY, M. N. B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Orgs.). Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WEBER, M. Ciência e Política: Duas vocações. Edição original de 1919; Editora Martin Claret: SP, 2005.

WEFFORT, Francisco C. Por que democracia? São Paulo, Brasiliense, 1984.

ANEXOS

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA PIAUI	JUVENTUDES CAMPONESAS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO MUNICÍPIO DE COCAL-PI (EDITAL Nº 17, DE 30 DE JANEIRO DE 2019 - SELEÇÃO DE PROJETOS VOLUNTÁRIOS DE PESQUISA CIENTÍFICA E/OU INOVAÇÃO TECNOLÓGICA DO IFPI.)	
Idade: _____ Sexo: _____ Etnia: _____ Local onde mora: _____ Trabalha: () Sim () Não / Estuda: () Sim () Não / Série: _____ Como se declara: () negro () moreno () branco () outro: _____		
Vida no campo e identidades 1. Quanto tempo mora no meio rural? - _____ 2. Você gosta da vida do campo? O que mais gosta? () Sim () Não - _____ OBS: Você acha que seria mais feliz na cidade? Por quê? () Sim () Não - _____ 3. Você se identifica com o meio rural? Se sim ou se não os pais tiveram influencia nessa opinião? () Sim () Não - _____ 4. Você acha que as pessoas do rural tem as mesmas oportunidades do urbano? Por que? () Sim () Não - _____ 5. Você tem vontade de continuar morando no campo? Por quê? () Sim () Não - _____	Cultura e educação 6. Sua escola incentiva você e sua família a permanecer no lugar onde mora ou em outro lugar? Qual? () Sim () Não - _____ 7. Você tem conhecimento no ramo da agricultura? () Sim () Não - _____ 8. Você tem acesso a atividades lazer? Que tipo? () Sim () Não - _____ 9. Qual o grupo social que você participa? (religião, musica, etc.) - _____	
Trabalho 10. Em relação ao trabalho: () só trabalha? O trabalho influencia nos estudos? Como? _____ () Trabalha e estuda? () só estuda? 11. Trabalha com a família ou outro? () Sim () Não - _____ 12. Onde a família trabalha? - _____ 13. Você gosta de trabalhar no campo? Por quê? () Sim () Não - _____ 14. A família tem terra própria? Se sim, qual o tamanho? () Sim () Não - _____ 15. Você pretende dar continuidade ao trabalho da sua família? De que maneira? () Sim () Não - _____ 16. O que a família produz (roça)? _____ _____	Renda 18. De onde vem a renda familiar? E quem contribui? (Trabalho, outros) _____ _____ 19. Qual a renda familiar mensal? () Menos de um salário () Um salário mínimo () Acima de um salário mínimo 20. Existe uma renda extra? () Sim () Não - Qual? _____ 21. A renda é suficiente para pagar os gastos mensais? () Sim () Não 22. Existe divisão da renda entre os membros da família? Se sim, como é feita? _____ _____ _____ _____ _____ Política 23. Você participa de algum grupo? (de jovem, igreja, sindicato, etc.) Como participa? () Sim () Não - _____	

17 Cria animais? Quais (cabra, ovelha, gado, galinha, etc)? _____ _____	24. Você acha que participar de grupos (jovem, igreja, sindicato, etc.) podem melhorar a sua realidade? Como ou por quê? () Sim () Não -
Perguntas qualitativas – Entrevista gravada (em construção) Quais são os principais desafios dos jovens do campo? (família, comunidade, escola, trabalho...)_____ _____ _____ _____	25. Você se interessa por política? () Sim () Não - 26. Você conhece algum projeto governamental de assistência a jovens do campo? (Pronaf, Projovem Campo)? () Sim () Não - _____

RODA DE CONVERSA SOBRE JUVENTUDE RURAL

1. Você pretende construir sua vida na comunidade? Casar, trabalhar, ter filhos, outros?
2. Qual é a sua opinião sobre a vida na cidade? Você deixaria a vida na comunidade de Frecheira pela vida em uma cidade grande?
3. Usa redes sociais? Quais? Tem acesso a internet? Como?
4. Estuda? Estudou até que série? Pensa em continuar a vida de estudos? Como? Onde?
5. Qual tipo de música gosta de escutar? Conhece alguma manifestação cultural do passado (que vivenciavam na comunidade como dança, música, reza)? O que acha das tradições locais?
6. O que você acha dos serviços na comunidade? (De saúde, escola ou educação, transporte)
7. O que é política para você?
8. Acompanha a vida política na comunidade (associação)? No município? Como acompanha ou participa?
9. O que acha sobre o tema diversidade sexual? Como acontece na comunidade? Há preconceito? O que acha do preconceito?
10. O que é trabalho para você?
11. Quais são os principais desafios dos jovens do campo? (família, comunidade, escola, trabalho...)?